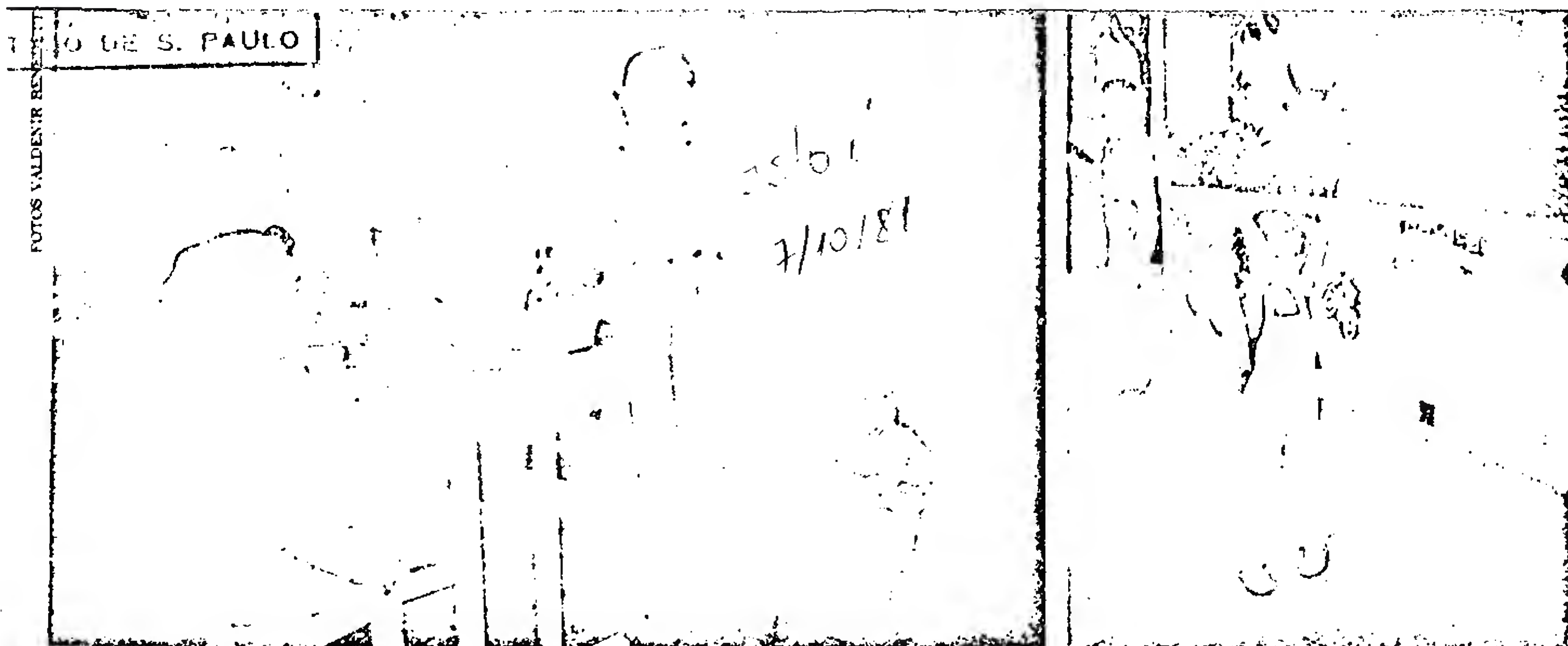




Silvia Aquino com os filhos, em casa, e ao deixar a filha Mariana no berçário: problema de muitas mães

COMPORTAMENTO

Bebês fora de casa

Cada vez mais, eles crescem nas creches e berçários

É verdade que eles não têm a menor idéia do papel que desempenham. Mas, sobretudo em São Paulo, os bebês de 3 meses a 3 anos de idade já podem considerar-se responsáveis por um mercado capaz de sustentar um gênero específico de negócio que, se não é altamente lucrativo, proporciona segurança suficiente para atrair profissionais qualificados e semiquualificados a investirem dinheiro e trabalho. Trata-se dos berçários, hoteizinhos e maternais — nomes sob os quais proliferam as creches modernas.

Suas fachadas vêm-se multiplicando nas ruas dos bairros da classe média paulistana. E indicam que seus usuários, assim como a modesta parcela de crianças de famílias com menor poder aquisitivo que frequentam creches públicas e comunitárias, nos últimos anos, experimentam uma situação desconhecida para qualquer outra geração anterior de brasileiros: a de viver fora de casa e longe dos pais durante boa parte do dia, antes mesmo de atingir a idade escolar.

É o caso de Mariana Aquino, aos quatro anos e meio já uma veterana nessa experiência peculiar à sua geração. Desde os 8 meses ela conheceu a vida em berçários, no bairro do Paraíso, a despeito do receio e das dúvidas de sua mãe, Silvia, impedida de dar uma atenção maior à filha em função de sua profissão de socióloga. O trabalho impossibilitava, igualmente, os

demaís membros da família de tomarem conta de Mariana e, depois de uma frustrada tentativa de recorrer aos serviços de uma babá, o berçário surgiu como solução.

Até os 2 anos Mariana cresceu no berçário O Ninho, de propriedade de uma enfermeira e de uma pedagoga portuguesas. O Ninho fica num sobrado de três quartos, bem-arrumado e limpo, com um cômodo especial para troca de fraldas, brinquedos espalhados no andar térreo e, à época em que Mariana nele ingressou, poucos nenês. No início Mariana se alimentava da mamadeira preparada pela mãe. Mais tarde passou a almoçar e lanche no próprio local.

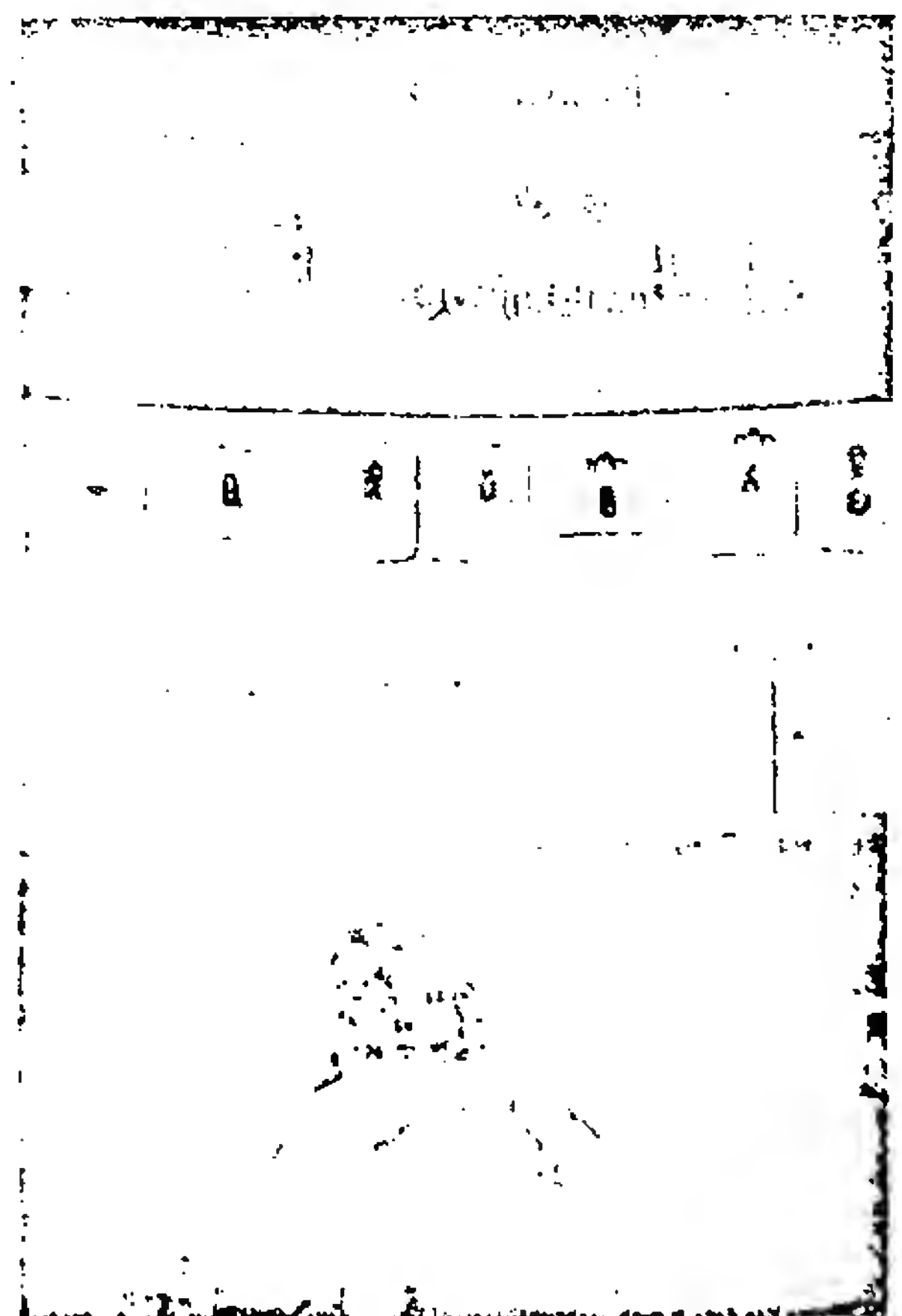
No entanto O Ninho, bem-sucedido, logo aumentou sua população de bebês. A mãe de Mariana sentiu que as condições já não eram as ideais e, assim, recorreu aos serviços de outro local, o Comezinho de Vida, um berçário-escola perto do aeroporto de Congonhas que estende seus serviços até o 1º grau.

Tudo isso, porém, não foi feito sem dor. Silvia sentia culpa "por ter de deixar minha filha com estranhos" e chegou a consultar psicólogos. "A Mariana fazia muita manha para não ir ao maternal", lembra Silvia. "Ela percebia minha insegurança. Até que eu fui observá-la na escola, sem que ela me visse. Estava na maior folia e feliz da vida. Passei a ser mais durona e ela dei-

xou de chorar. Descobri que o problema era comigo, e não com o berçário."

Esse dilema, comum a inúmeras mães que trabalham fora de casa, nunca preocupou o químico Alvaro Aquino, 32 anos, pai de Mariana, convencido de que a opção da babá envolve sérios conflitos de nível cultural e traz insegurança em relação à higiene do nenê. Por isso atualmente o casal Aquino não hesita em pagar 40 mil cruzeiros mensais para manter Mariana na pré-escola e Pedro, seu irmão de 9 meses, no berçário do Comezinho de Vida.

Menos bem-sucedida tem sido a experiência de Alessandra Stavale, uma rechonchuda nenê de 9 meses, que sofreu uma desidratação em pleno inverno, depois de passar oito dias fre-



Bebê na creche: e o futuro?

qüentando os berços de uma creche conveniada da Caixa Econômica Federal e do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, no bairro de Cerqueira César. Funcionária do banco, sua mãe, Márcia Curto Stavale, acredita que a infecção intestinal foi causada pela alimentação e pela troca da calça plástica de sua filha pela de outro bebê. Agora ela procura um berçário particular, em que possa pagar por uma tranquilidade maior quanto aos cuidados higiênicos e alimentares.

A oferta de berçários e maternais particulares não peca por falta de opção — em São Paulo há de todo tipo e tamanho, preço e qualidade. De tal modo que os pais podem escolher entre o período integral ou parcial, um regime alimentar tradicional ou confeccionado com alimentos naturais, um ambiente formal e outro mais descontraído, uma orientação pedagógica montessoriana ou inspirações herdadas de Piaget, e mensalidades de 5 a 20 mil cruzeiros. Existe até mesmo a opção dos hoteizinhos, destinados a tomar conta da criança por hora, permitindo que a mãe saia para fazer compras ou ir ao cabeleireiro sem maiores preocupações.

Com registro de nascimento e carteira de vacina em dia, qualquer bebê acima de 3 meses — idade mínima em que já cumpriu a primeira etapa de imunização e recebeu alta dos pediatras para o convívio social — pode freqüentar essas instituições. Mas em muitas delas será difícil encontrar vagas imediatamente. No Peninha Branca, berçário pioneiro do bairro do Campo Belo, criado há oito anos, com capacidade para oito nenês até um ano e meio, atendidos por três funcionários — duas enfermeiras e uma responsável pela cozinha —, as reservas são feitas antes de a criança nascer. Anexo ao berçário funciona o hotelzinho Peninha Branca, freqüentado, quase sempre, fora do horário do sono ou da alimentação das crianças, segundo conta sua idealizadora e vice-diretora, Cristina Helena Trunci de Oliveira. Os hoteizinhos de São Paulo cobram, em média, de 200 a 300 cruzeiros por hora, e são aceitas crianças até os 6 anos de idade.

Mas há ainda as instituições mais especializadas — como o berçário Ibejis, no bairro de Vila Madalena. Ali a alimentação natural é de rigor. O cardápio das crianças inclui frutas, papas de arroz integral com *shoyu* e sem sal, raízes como mandioquinha, cenouras, leguminosas como *azuki*, grão-de-bico, feijões, ervilhas e lentilha. Carne, só branca, e duas vezes por semana. Bebi-



No berçário Ibejis: comida natural para as crianças

das, apenas sucos e chás — de lótus ou hortelã em caso de resfriados, de camomila ou erva-doce para tratar do estômago e do intestino. A mamadeira, se quiser, é a mãe quem deve trazer, pois o Ibejis só compra leite de farinha de arroz ou soja.

No Rio o fenômeno é menos acentuado do que em São Paulo. Ali existem os berçários e maternais, mas os hoteizinhos, por exemplo, não proliferaram na Zona Sul. Esse sistema de horas avulsas se fixou mais em bairros como a Tijuca, especialmente em sua área mais nobre, onde o Trampolim funciona há um ano — e, além das crianças fixas, aceita também a hospedagem por hora. O que disparou, na Zona Sul do Rio, foram os preços — atualmente situados entre 22 e 28 mil

cruzeiros por mês nos berçários e maternais. O Tic-tic-tac, o mais antigo dos berçários da região e que funciona como uma espécie de modelo para os demais, só tem vagas para daqui a dois anos. A maioria dos restantes, porém, reclama de trabalhar aquém de sua capacidade.

Com mais ou menos recursos, bem ou mal tratada, a geração de bebês que vive seus primeiros anos em diversas modalidades de creches apresentará alguma diferença de comportamento com relação aos antepassados criados em casa? Isso ainda é uma incógnita. "Não existem trabalhos acadêmicos ou pesquisas a respeito desta jovem experiência educacional brasileira", afirma o psicólogo Joel Martins, presidente da Pós-Graduação da PUC de São Paulo.

Para Martins, o fenômeno é fruto de uma crise econômica onde, cada vez mais, é preciso trabalhar fora para sustentar a família.

"Nota-se, ainda, uma certa semelhança entre os defensores de creches, berçários, maternais e hoteizinhos com as idéias predominantes nos Estados Unidos, ao tempo da Grande Depressão", acrescenta o psicólogo. Preocupado com o caráter "aleatório, ocasional e imprevisível" dessa vivência precoce fora do lar, Martins prefere não especular sobre suas consequências a nível de capacidade de aprendizado escolar, sociabilidade ou autonomia nas atitudes futuras dessas crianças. Apenas lembra, com certa ênfase, que as crianças, tal como os adultos, "vivem melhor com quem gosta deles do que com quem apenas trata das suas necessidades".

Maria Helena Passos, com Thais de Mendonça, no Rio ▲



Joel Martins: "E a crise"

Uma creche na Rocinha

Enquanto a mãe trabalha
fora, a 'tia' dá carinho
e alimentação à criança

C

uida, mamãe,
eu quero ir pa-
ra a creche.A menina de
5 anos de idade
que arrasta a
sua mãe pela
mão pouco an-
tes das 8 horas,
na favela da
Rocinha, rumoà creche da Associação Social Padre
Anchieta (Aspa), localizada no Bairro
Barcelos, compõe sem dúvida uma cena
pouco habitual para as mães que neces-
sitam deixar diariamente seus filhos pe-
quenos num estabelecimento do gênero
enquanto trabalham.Todos os dias, mesmo quando a chuva
enche os caminhos de acesso à creche,
cerca de 70 crianças entre três meses e
cinco anos de idade são entregues ali às
"tias", que há quatro anos se revezam
nos seus cuidados. A porta o "berreiro"
só ocorre eventualmente nos fins de se-
mana, quando a creche fecha e algumas
crianças querem permanecer lá tam-
bém no sábado e no domingo. Porque
asseio e comida, não raro, faltam em
casa.Inaugurada em julho de 1977, a creche
da Aspa foi a primeira organizada num
favela por iniciativa das próprias
mães da Rocinha. Depois dela, surgi-
ram já outras localizadas em várias fa-
velas do Rio e inclusive mais duas na
própria Rocinha.— E veja para crer! Isto aqui era uma
vala antigamente, depósito de todo tipo
de lixo. Nós mesmas limpamos a vala
na base do mutirão cada domingo, nós
mesmas carregamos as pedras, cons-
truímos passo a passo a creche. — con-
tam orgulhosas as "tias" monitoras.Hoje, no lugar da vala de lixo, ergue-
se uma casa de alvenaria de dois pav-
mentos, situada na parte da favela que
dá para a Estrada da Gávea, considera-
da a sua parte mais urbanizada. Distri-
buida em pequenos cômodos, a creche
funciona ali com um berçário com capa-
cidade para atender dez crianças entre
três meses e um ano e duas salas em
que são reunidos os grupos de um a 3
anos e 3 a 5 anos de idade, cada grupo
com, respectivamente, cerca de 30
crianças.Sem formação pedagógica e em al-
guns casos mesmo analfabetas, as
"tias" compreendem seu trabalho prin-
cipalmente como uma forma de cuidar
das crianças menores da favela cujas
mães, solteiras na maioria, necessitam
trabalhar fora. Em número de sete
(duas para cada grupo e uma na reser-
va) elas fazem funcionar diariamente a
creche das 8 às 17 horas com a ajuda de
duas coordenadoras que cuidam da ad-
ministração, duas cozinheiras e uma la-
vadeira. São todas moradoras da Roci-
nha, eleitas cada ano pela sua assem-
bléia de moradores para essas funções.Acostumadas ao assédio de pesqui-
sadores estrangeiros, que vão bater fre-
qüentemente na Rocinha, as "tias" têm
uma extraordinária capacidade de sin-
tetizar os problemas que enfrentam dia-
riamente com as crianças:— Na segunda-feira é a diarreia nosso
maior problema — explica Rita Neves,
a "tia Rita" da Sala 2. — Aqui as crian-
ças recebem três refeições baseadas
num cardápio que inclui legumes, car-
ne, ovos, peixe etc. Servimos até dieta
quando estão com algum problema e
nos fins de semana elas não agüentam a
mudança radical desse regime. Natu-
ralmente, em casa as condições de hi-
giene e de alimentação não podem ser
iguais e na segunda-feira a diarreia é
fatal... Até os bebês sentem a mudança
de gosto, do paladar da comida que re-
cebem aqui. Para as mães isso cria às
vezes um problema insolúvel, mas nós
discutimos tudo isso nas reuniões. Pro-
curamos ensinar aquilo que nós mes-
mas aprendemos aqui, que certos cui-
dados higiênicos são necessários — co-
mo ferver a água da alimentação do be-
bê — e muitas vezes é somente uma
questão de boa vontade.— O ciúme das mães pode virar tam-
bém um problema no grupo dos men-
ores (um a 3 anos) —, explicam as "tias"
Alzira e Isaura, da Sala 1. — Nessa fase,
as crianças aprendem a andar, a falar e
se tornam assediadas aqui conosco. Exis-

tem crianças que acabam chamando a própria mãe de "tia". Há mães que, em casa, dizem às crianças: "Ela não é sua tia, ela é sua babá". Essa agressividade da mãe a gente acaba também recebendo de uma certa maneira na segunda-feira.

"Tia" Leni, da Sala 2, fala de alguns problemas:

— Nós aqui não dispomos de muitos brinquedos. A área de lazer destinada às crianças é um pátio que, infelizmente, alaga quando chove e que tem apenas uns pneus como possibilidade para as crianças brincarem livremente. Por isso nós fazemos rodinha na hora da recreação, as crianças aprendem também música de disco etc. De certa maneira, as crianças aqui aprendem uma disciplina, uma ordem, que não podem ter em casa: hora de recreio, de comer, tomar banho, dormir, pois aí nós mesmas temos de cuidar da limpeza da creche.

— Mas é melhor ficar na creche que ficar por aí — diz d. Maria do Teatro, de 47 anos, antiga moradora da Rocinha e que trabalha na cozinha da creche. Repetista, d. Maria é autora do hino da creche e compõe para cada nova reivindicação da Associação dos Moradores da Rocinha uma música particular. Quando a Rocinha quis ver João Paulo II, ela compôs um hino que deveria ser cantado em coro por ocasião da passagem de papa. Como o grupo foi impedido de ultrapassar a barreira pela

polícia, ela compôs outro hino na hora, com o refrão "Quem foi que escondeu do povo João de Deus". Mas o hino de d. Maria, mesmo assim, acabou chegando às mãos do papa em Roma. Pouco antes de sofrer o atentado no Vaticano, João Paulo II escreveu uma carta, com retrato autografado anexo, agradecendo a d. Maria pelo hino.

Além da contribuição das mães, que pagam mensalidade de Cr\$ 500, a creche é financiada hoje em dia pela Funabem, Legião Brasileira de Assistência (LBA) e Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (Omep). A primeira financia o salário das "tias", a segunda paga a alimentação e a terceira serve de organização intermediária.

Segundo Lúdia Maria de Sousa, coordenadora, a burocracia necessária para a liberação das verbas cada ano provoca o atraso do recebimento do dinheiro e, conseqüentemente, o atraso do pagamento das "tias". Por isso, este ano elas trabalharam de janeiro a abril sem receber seus pagamentos. Os tetos das verbas são fixados pelas entidades doadoras e não pela Aspa, e segundo d. Lúdia, o planejamento do orçamento, por ser feito com um ano de antecedência, não cobre os reajustes dos preços, nem a inflação:

— Em termos de burocracia já nos facilitaram algumas coisas, mas para levar o trabalho adiante sem termos de sacrificar nossos já precários meios de subsistência, na verdade precisamos contar com muito mais.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O GLOBO

Data: 07/10/1981

Pág. —

Pasta n.º

N.º do recorte: 1030.1



O espaço é pequeno e as crianças são muitas, mas 'tia' Rita ajelta todas na hora de dormir

Maria do Teatro (à esquerda) trabalha na cozinha da creche e é também cantora e repentista conhecida na Rocinha

Na creche da Aspa, as crianças recebem três refeições por dia, incluindo carne, peixe, ovos e legumes



Cinco horas da tarde. As mães chegam para buscar suas crianças depois de um dia de trabalho como diaristas. Quase todas trabalham em residências da Zona Sul do Rio, como faxineiras ou passadeiras. No rosto de d. Dalvina, de 27 anos e aparentando muito mais idade, nascida na Paraíba com acentuados traços índios, a ansiedade está estampada. Ela veio correndo de outra creche, na qual, também às 17 horas, tem de apanhar seu bebê de três meses. Tem três filhos: um de cinco anos, outro de dois e o bebê de três meses, cada um de um pai diferente. Mora num barraco de um cômodo apenas, que ela mesma construiu junto ao Túnel Dois Irmãos. Sobrevive com as crianças somente com o que consegue ganhar como faxineira, em dois a três dias de trabalho certo na semana (por um dia de trabalho ganha Cr\$ 600).

— O que a creche representa para a senhora?

— Dona, sem a creche, nem eu nem as crianças poderíamos mais viver. Eu vou trabalhar sabendo que as crianças não vão ficar sem comida. Nem sempre foi assim. Quando não existia creche na favela, as crianças tinham mesmo que ficar sozinhas e com fome por aí. Pedir à vizinha para tomar conta não lhes garante comida. Meu filho adora a creche aqui, é louco pelas "tias".

Fernando, seu filho de dois anos, chamado na creche de Buda pelas outras crianças, por causa da sua cara gorda e redonda, a vê e grita "tia", correndo em sua direção. Fernando é uma das muitas crianças que desde os três meses de idade freqüentam a creche da Aspa.

Creche ensina filhos e pais a usar o solo

FRANCA (do correspondente) — Os pais das crianças que passam o dia na Creche Nossa Senhora de Aparecida, na cidade de Franca, estão aprendendo a utilizar o solo para o cultivo de hortas, preparando assim a horta da creche e de suas residências. Este é o terceiro curso ministrado este ano pela creche, que mantém convênio com a LBA, para fornecimento de sementes, adubos, inseticidas, enxada e rastelo. Até o dia 15 de dezembro, a nova turma deverá estar formada, em aulas nos finais de semana.

PRÁTICA

O instrutor do curso, aluno do Colégio Técnico Agrícola "Carmelino Correa Júnior", vem dando prioridade para a parte prática do curso, na própria horta da creche. Entre os assuntos discutidos estão: preparo e limpeza dos canteiros, adubação, uso da água, semeadura, plantio de canteiros, transplante de mudas, preparo de covas e estaleiros, pulverização, colheita e conhecimentos em geral de flores, folhas, raízes, tubérculos de frutos e sementes.

A horta da creche já conta com abóbora, beterraba, almeirão, alface, cebolinha, salsa, cenoura, couve, rúcula, entre outras espécies. Os pais que participam dos cuidados da horta têm participação na colheita e o restante da produção abastece a creche. As mães começam a se interessar e este ano, segundo a assistente social Maria do Carmo Rezende, "sua participação está sendo maior".

OUTROS

Outros cursos vêm sendo ministrados aos pais e irmãos das crianças da creche, como "Utilização da Soja", "Auxiliar do Lar" e "Primeiros Socorros", com bons resultados, como afirma a assistente social.

"Muitos objetivos foram conseguidos com estes cursos. Os pais passam a conviver com o ambiente do filho e tentamos um prosseguimento dos ensinamentos para o lar. No caso da horta, o melhor resultado alcançado é a possibilidade de oferecer qualidade na alimentação da família, com custo menor do que o normal."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*
Data: *10/10/81*
Pág. *11*

Pasta n.º

N.º do recorte

Mais cinco creches serão inauguradas

Entre os próximos dias 13 e 20, estará sendo comemorada a Semana da Creche, instituída no final do ano passado, pela Prefeitura. Nesse período, duas duplas de palhaços estarão se apresentando em 67 creches mantidas pela Prefeitura, e o prefeito inaugurará mais cinco unidades, destinadas a crianças de até seis anos de idade.

Assim, na próxima terça-feira, às 15 horas, o prefeito Reinaldo de Barros deverá inaugurar uma unidade na Vila Caiçara, em Campo Limpo, com capacidade para receber 120 crianças.

No dia seguinte, também às 15 horas, será entregue, na região de Santana, a creche Vizinha Branca, projetada pela Empresa Municipal de Urbanização (Emurb) para abrigar 150 crianças. Já nos dias 15 e 16, às 11h30, serão entregues as creches de Veleiros, em Santo Amaro, e de Capão Redondo, em Campo Limpo, com capacidade para mais 240 crianças.

Por fim, no dia 17, às 9h30, o prefeito deverá inaugurar a creche de Vila Praia, na região do Butantã, com 120 vagas.

A programação de lazer da Coordenadoria do Bem Estar Social, elaborada para o período de 13 a 20 de outubro, abrangerá 67 creches da rede municipal, que funcionam nas áreas de Santo Amaro, Campo Limpo, Pirituba/Perus, Santana, Vila Maria/Vila Guilherme, Sé, São Miguel/Ermelino Matarazzo, Itaquera/Guaianases, Penha, Vila Prudente, Mooca, Vila Mariana e Ipiranga.

Movimento faz severas críticas à política de bem-estar do menor

RICARDO KOTSCHO

"Cada criança internada custa à Febem de São Paulo Cr\$ 70 mil por mês. Ora, com Cr\$ 70 mil por mês eu mando todos os 'trombadinhas' de São Paulo estudar na Sulca. Isso é um absurdo, quando sabemos que o que leva uma criança a ser internada é exatamente a dramática situação financeira das famílias."

Aplaudida de pé ao fazer essas declarações em sua palestra sobre "A criança e a instituição", durante o Congresso de Juizes de Menores, promovido em Fortaleza, na última semana, Lia Junqueira, presidente do Movimento de Defesa do Menor, criticou a política nacional do bem-estar do menor implantada após 64, "que colocou as crianças abandonadas fora da sociedade". De volta a São Paulo, Lia Junqueira concedeu entrevista à "Folha".

"Folha" — Por que você afirma que a política do regime pós-64 colocou os menores fora da sociedade?

Lia — "A política nacional do bem-estar do menor que criou as Febens e a Funabem é baseada em preconceitos, pois seu objetivo é reeducar o menor, manipulando-o, moldando-o da maneira que eles idealizam para que possa participar da sociedade, porque está marginalizado dela. Enquanto as outras escolas são mistas, nas instituições do governo as crianças são separadas por sexo, nem os laços familiares são respeitados. Enquanto aqui fora se prega o individualismo, a concorrência, lá dentro tudo é coletivizado, o menor não é tratado como um indivíduo. Fora, o sistema defende o capitalismo e a propriedade privada; lá dentro, o menor não pode ter nada, nem a roupa é dele. O menor não é mais dono nem do seu corpo."

"Folha" — Que consequências isso pode trazer para os menores internados?

Lia — "Quando a criança entra numa instituição é despida de todos os valores que aprendeu a cultivar cá fora. Porque o menino da rua tem que lutar por sua sobrevivência, tem que roubar ou matar, não tem maldomia. Quando volta à rua, o menor de Febem perdeu sua identidade. Quem é que sai da instituição aos 18 anos? Não é trabalhador, não é classe média, não é burguês, não é nada. Os valores destruídos não são substituídos por outros. Na verdade, ele não é nada, a não ser que se forme uma classe de ex-internos da Febem."



Lia, em defesa do menor

"Folha" — E qual é a alternativa que você propõe?

Lia — "A alternativa é muito simples: em vez de gastar Cr\$ 70 mil por mês com cada criança internada, as instituições deveriam prestar assistência às famílias necessitadas, ajudando na educação e no sustento dos menores carentes. A verdade é que, do jeito que as coisas estão, a instituição forma indivíduos totalmente imperfeitos para a vida em sociedade. O sistema de internato não é bom para ninguém. Se não, já não teriam acabado há muito tempo os colégios internos para filhos de ricos."

"Folha" — A que você atribui o fato de o governo insistir na sua política?

Lia — "Todos esses erros da política nacional do bem-estar do menor não são frutos da ignorância. São erros planejados para que sejam atingidos os objetivos do regime. Porque o regime sabe que, se alimentar bem os menores, se educá-los bem, é evidente que um dia eles vão querer mudar o sistema. Qual é a classe que é chamada de subversiva, não é a classe pensante? Pois então, se a massa começa a pensar, eles não vão conseguir mais oprimir o povo da maneira como estão fazendo."

"Folha" — Como e porque você começou a atuar nesse campo de defesa do menor?

Lia — "Eu fui criada em Ilhabela, por um casal de velhos, meus tios-avós, e eles me ensinaram a respeitar a pobreza, no tempo em que ainda se fazia caridade, mas não esse paternalismo, esse 'assistencialismo' que se vê por aí. Quando eu já tinha três filhos, comecei a trabalhar numa favela, que havia na avenida dos Bandeirantes, tomando conta das crianças, para que as mães pudessem frequentar cursos e aprender uma profissão. Era um trabalho organizado pelo padre Almir, que nos ensinava a não dar esmolas, mas ajudar as pessoas a sair daquela situação. Mais tarde, eu estava passando pela Igreja de Moema e vi um padre enxotando um grupo de crianças que se abrigava da chuva. Peguei a molecada, eram 11, e levei para a Faculdade de Moema, ali perto, onde eles passaram a dormir às escondidas. Foi aí que comecei meu trabalho com menores. Tentei ajudá-los a arrumar emprego, mas era uma dificuldade muito grande, ninguém tinha documentos. Um deles, o 'Alemão' sumiu de lá uns dias e fiquei sabendo que ele tinha sido levado para Camanducaia, naquela operação em que abandonaram dezenas de 'trombadinhas' na estrada. Foi até o antigo Recolhimento Provisório de Menores para saber notícias dele e tomei conhecimento da situação terrível em que viviam os 600 menores ali internados, carentes de tudo."

"Folha" — A direção do Recolhimento fez alguma restrição ao teu trabalho lá dentro?

Lia — "Não, pelo contrário. Quando eu perguntei ao Rul Joeli, o diretor, em que podia ajudar, ele me respondeu: 'Aqui dá para fazer o que você quiser, porque não tem nada, só tem eu e a minha caneta'. Havia um pátio muito grande e os menores ficavam lá, sem nada para fazer. Vi 'marmanjos' quebrando o cimento para fazer jogo da velha. Não se podia levar nada para eles, porque logo transformavam as coisas em armas. Até as galinhas tinham que ser servidas desossadas, porque faziam estilete com os ossos. Mas, com o tempo, isso foi mudando e teve um Natal em que fizemos uma árvore bonita, com galhos secos. Os enfeites, em vez de bolas, eram pedras. A partir daí, nunca mais deixei de trabalhar com os menores carentes e, há dois anos, criamos o Movimento de Defesa do Menor, em cujo trabalho já foram envolvidas mais de 5 mil pessoas."

A.S., um exemplo dramático

Entre os inúmeros casos que a marcaram na sua longa convivência com menores abandonados, há um que, segundo Lia Junqueira, constitui um retrato dramático das consequências da política nacional do bem-estar do menor: é a história de A.S., hoje com 17 anos, que ela relata:

"Quando ele nasceu, sua mãe, Vilma, tinha 16 anos. Seus pais não eram muito pobres, moravam numa casa de alvenaria. Mas, como Vilma não era casada, colocaram-na na rua, junto com o filho. Vilma perambulou durante uma semana em busca de um abrigo para ela e o filho e, não o encontrando, entregou A.S. ao Juizado de Menores.

"Com dois anos, A.S. foi adotado por um casal, que se separou quatro anos depois. Durante um ano, A.S. ainda morou com o pai adotivo, mas depois ele se casou outra vez e a mulher não queria ficar com o menino, que foi devolvido ao Juizado de Menores.

"Várias vezes A.S. fugiu do Juizado, até ser internado no Hospital Psiquiátrico de Congonhas, de onde também fugiu. Numa dessas fugas, um filho meu o encontrou na rua, de pijama, todo molhado e dopado de drogas e remédios. Tinha 12 anos nessa época. Entrei em contato com a Febem, que o levou de volta ao Hospital de Congonhas. O médico me falou que seu caso não tinha solução, que não era um problema mental, mas de desajuste social. A.S. era o campeão de fugas da Febem: o médico explicou que, com sua personalidade, ele não conseguia viver dentro da instituição.

"Uma vez, depois de voltar à Febem, fui encontrá-lo na enfer-

maria, deitado numa cama, só forrada com um plástico, nu, todo amarrado com tiras de lençol, dormindo. Tentei acordá-lo, mas disseram que não dava, porque ele havia tomado muitos sedativos. Iria ficar daquele jeito até o dia seguinte. Desse jeito, quem não é louco acaba ficando. A.S. já apanhou muito na Febem, já foi enfiado dentro de um formigueiro, já sofreu tudo o que uma criança pode sofrer.

"Sempre que o encontrava, ele falava na mãe. Mas não sabia onde ela morava. Aí eu fiz o seguinte: fui em todas as favelas que conhecia e deixei um bilhete junto à bica onde as mulheres lavam roupa, pedindo parar à Vilma entrar em contato comigo. Sabe que deu certo? A Vilma me telefonou e comecei a preparar o A.S. para devolvê-lo à mãe. Expliquei a ela que A.S. não aguentaria mais um abandono na vida, que ele precisava de muita atenção, muito cuidado. Mas, de que jeito? A esta altura, a Vilma já tinha mais 8 filhos e morava num barraco de um cômodo na favela do Buraco Quente. Não iria nem ter lugar para o A.S. lá dentro. Vilma era lavadora de pratos do restaurante Maria Fulô, passava muitas dificuldades.

"Não deu certo, como eu esperava, e acabei levando o A.S. para minha casa.

"A.S. sempre me falava: agora que estou na sua mão, vou ficar bem, vou virar gente. Mas não tinha outro jeito, ele voltou para a Febem, de onde acabou sendo expulso. Hoje, ele está internado num sanatório em Sorocaba, mas não sei até quando vai ficar lá. Em nenhum lugar ele consegue se adaptar. A.S. foi fabricado para ser assim."

F/S/P 12/10/81

Denúncias no Dia da Criança

As péssimas condições de vida das crianças de Itaquera — subnutrição, falta de higiene, saúde precária e total insegurança — foram denunciadas ontem em carta distribuída por um grupo de mães das Comunidades Eclesiais de Base, durante a festa comemorativa do Dia da Criança, realizada na igreja Nossa Senhora do Carmo. Segundo o documento, de 1.152 crianças entrevistadas, 519 comem no máximo duas vezes por dia e suas refeições não incluem alimentos essenciais; 317 já foram espancadas e roubadas de três a quatro vezes à saída da escola; e 311 não conversam com os pais, temendo apanhar.

Em Carapicuíba, o Movimento de Defesa do Menor encerrou o 2.º Encontro Nacional dos Direitos do Menor promovendo um dia de lazer para cerca de 500 crianças; elas assistiram à missa campal, divertiram-se com palhaços e ganharam lanche. No Parque da Água Branca, dona Silvia Maluf abriu a Semana da Criança, pedindo confiança nos governantes, "que estão fazendo tudo que é possível pelas crianças". Os feirantes da rua Lavandisca, em Moema, promoveram o Festival da Bolinha de Gude, com a distribuição de 20 mil unidades desse brinquedo.

Foto Alvaro da Costa



PAG. 12

O lanche foi a grande atração para muitas crianças.

POLÍTICA

FEMINISMO - BRASIL

Quase partido

Mulheres criam entidade política.

■ Em São Paulo, no dia 4, cerca de 5 mil mulheres reuniram-se para criar uma espécie de partido político feminino. Suas reivindicações: fim do desemprego e da alta do custo de vida, convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, paz mundial e, talvez para justificar o encontro, igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Criada em 1949, extinta em 1964, foi novamente fundada a Federação das Mulheres Paulistas — uma entidade que, no passado, exigia "melhores condições de vida" à população (sempre por meio de medidas distributivistas), participou na campanha "O petróleo é nosso" (que redundou na Petrobrás e no aumento da estatização) e lutou contra o envolvimento do Brasil na guerra da Coreia. "Vamos incentivar a participação feminina nos partidos, sem apontar esse ou aquele", diz Márcia Campos, eleita presidente da Federação, acrescentando: "Queremos trazer essa metade da população de São Paulo, composta por mulheres, para participar das lutas específicas e gerais".

Entretanto, para Eva Blay, feminista e socióloga, "as reivindicações gerais devem limitar-se aos partidos políticos". Lembra que a mulher significa um potencial político muito grande e, consequentemente, uma fonte de votos. "Nessa Federação, a mulher novamente será manipulada", protesta Eva. Márcia nega essa acusação, mas chega a admitir o lançamento de candidaturas por meio da Federação das Mulheres Paulistas, de-

pois de prévio acordo com os partidos; as agremiações seriam então mera fachada para reivindicações específicas.

Os partidos políticos não pretendem perder essa chance de amealhar mais votos: exceto o PT e o PDS, que não concordam com a proposta, todos mandaram representantes à reunião, muitos dos quais participam da Comissão Executiva da nova entidade. Talvez por isso, as faixas penduradas na arquibancada do ginásio da Portuguesa de Desportos, onde a Federação foi fundada, falavam apenas em "panela vazia", "abaixo a carestia", "chega de bônus, corruptos e entreguistas", "o povo unido jamais será vencido". E nenhuma referência às reivindicações especificamente feministas foi estampada. □

(*) Participaram do encontro: Therezinha Zerbini (que foi eleita vice-presidente da Federação), em nome do Partido Democrático Trabalhista (PDT); Ivete Vargas, presidente do PTB; Adele Bucchi, do PP; Tito Costa, prefeito de São Bernardo, pelo PMDB; Aldo Rebelo, presidente da UNE.



Lula: opção por um socialismo só seu

Idéias velhas — O Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels é de 1847; em 1871, o economista austríaco Karl Menger desmontou a base econômica do socialismo em *Princípios de economia* — no qual demonstrou que o valor de um produto é subjetivo, dependente da avaliação do consumidor, e não objetivo, determinado pelas horas de trabalho empregadas na produção (ou seja, o consumidor paga se achar que vale, não se importando nem um pouco com o custo de produção). Assim, caiu por terra a *mais valia* marxista, a teoria da exploração, segundo a qual o lucro é uma parcela do total produzido pelo operário arrebatada pelo patrão.

A derrubada do socialismo, como teoria econômica veio também de dentro: no fim do século XIX, há cem anos, Eduard Bernstein e Werner Sombart, eminentes marxistas, admitiram que a teoria da exploração era insustentável. Bernstein — com Karl Kautsky, outro marxista revisionista — criou a social-democracia, uma tentativa de eliminar os males inerentes ao socialismo; Sombart converteu-se ao nazismo.

Politicamente, o socialismo chegou à repressão dos operários na Polônia, à matança de camponeses na União Soviética, à eliminação da metade da população do Camboja. Como diz Luis Inácio da Silva em seu discurso aos convencionais do PT, não é esse o socialismo que ele deseja. Mas é o único que poderá obter. □



Em São Paulo, foi formada uma Federação de mulheres. A entidade preocupa-se quase exclusivamente com temas políticos. E a feminista Eva Blay (esquerda) acusa a manipulação do voto das mulheres.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*
Data *12/10/81*
Pág. *11*

Pasta n.º
N.º do recorte

*Seminário analisará
a gerência de creches*

F-180 13/10/81 p. 11
O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) promoverão, de amanhã até o dia 16, um seminário para administradores de creches, com o "objetivo de propiciar o intercâmbio de experiências desenvolvidas em creches públicas, de entidades sociais, particulares e de empresas".

O programa constará de conferências, seguidas de debates, painéis de comunicações de experiências e reuniões em grupo. Os trabalhos começarão às 10 horas do dia 14, com o tema "a dimensão sócio-educativa das creches e estratégias de administração", pela educadora Maria Inês Cavalleri Tinoco Cabral.

OUTROS

Outros temas a serem abordados são: as diferentes formas de gerenciamento dos recursos financeiros, físicos e materiais; regulamentação e legislação; administração e desenvolvimento dos recursos humanos e "recursos humanos, cargos e funções". No encerramento, serão analisados os "recursos humanos voluntários e da comunidade".

Entregue creche municipal na Vila Caçara

Em 14/10/81
Numa rápida cerimônia, o coordenador do Bem-Estar Social (Cobes), Wilson Quintela, inaugurou ontem a Creche Municipal de Vila Caçara, em Campo Limpo, que atenderá 120 crianças de até 6 anos, cujos pais recebam menos de dois salários mínimos e as mães trabalhem fora. A inauguração marcou o início da "Semana da Creche", instituída pela Prefeitura. Localizada na rua Pedro Roldan, a unidade servirá à população carente do Jardim São Manuel, Vila Caçara, Jardim Tamolo e Jardim Morro do Índio, bairros formados quase só por favelas e loteamentos clandestinos.

Sua construção veio atender uma reivindicação de quase dez anos da Sociedade Amigos Unidos da Chácara São Judas, Vila Caçara, Jardim São Manuel e Parque Cristina, na Zona Sul. Segundo sua presidente, Alice Léo de Carvalho, "um dos maiores problemas da região sempre foi a falta de uma creche. Em 1974, organizamos um movimento e começamos a lutar por uma. Indicamos dois terrenos municipais para a construção, mas a Prefeitura afirmava que eles não eram adequados. Pedimos então a ajuda do deputado federal Horácio Ortiz, do PMDB, e depois de muitas gestões, a Cobes resolveu mudar seus planos e atender nossas reivindicações", explicou ela.

PLANO

O prédio da creche, um sobrado, possui uma área construída de 460 metros quadrados, onde se distribuem salas para berçários, sanitários masculinos e femininos, cozinha, lactário, galpão, enfermaria e ambientes para recreação, jardim, pré e maternal. Seu custo foi de Cr\$ 5 milhões.

Segundo Wilson Quintela, o atual plano visa implantar 208 creches, atendendo cerca de 26 mil crianças de bairros periféricos. "Quando o Reinaldo de Barros assumiu a Prefeitura, existiam apenas quatro creches municipais em toda a cidade. Agora, já existem 60 em funcionamento, 37 prestes a entrar em operação, 55 em construção e 56 a serem licitadas", afirmou Quintela.

Dando continuidade às comemorações da "Semana da Creche", será inaugurada hoje a creche Virgínia Branca, em Santana. Outras unidades serão entregues no decorrer da semana em Veleiros, Capão Redondo e Butantã.

MULHERES

EM TEMPO:



Edna: optando pelo aborto

EDNA

A violência do estupro e a violência da lei

Por Tereza Verardo

Edna, vim me manifestar a favor de seu direito de abortar, uma gravidez que é consequência de um estupro, porque eu sou fruto de um estupro, e sei quanto é doloroso sentir minha mãe me olhando e me odiando, e eu não tenho o direito de querer que ela me ame”.

Essa manifestação de apoio de um desconhecido mostra bem o clima em Minas Gerais com o caso de Edna Pereira dos Santos, estuprada e grávida e impedida de abortar pelo juiz.

Na madrugada do dia 30 de maio, Adirson do Carmo da Silva (23 anos) saiu como de costume pouco depois das 4 horas para seu trabalho na Fiat, em Betim. Hora e meia depois Adirson era informado de que ocorrera um desastre em sua casa, e que sua mulher o chamava com urgência. Ao chegar em casa Adir-

son constatou que seu barraco havia sido revirado, suas pequenas economias haviam sido roubadas e sua companheira Edna Pereira dos Santos (21 anos) havia sido estuprada.

Imediatamente Adirson e Edna tomaram todas as providências cabíveis, chamaram uma radio-patrolha, deram queixa, compareceram a seccional Oeste para dar início às investigações. Em seguida foram até o Instituto Médico Legal onde os médicos colheram material, fizeram exame e pediram a Edna “para evitar qualquer contato íntimo com seu marido para que, se houvesse risco de gravidez, evitar dúvidas no futuro”.

Edna ficou um mês e meio sem se relacionar com o marido, e passado esse prazo foi buscar o resultado do exame: “Positivo”. Nas mãos os documentos, nos olhos lágrimas de desespero, e no

corpo um feto que já chegava no terceiro mês.

A lei versus a humanidade

Começava uma nova etapa em sua vida, e ela não poderia desistir agora. Chegou a Assistência Judiciária onde sua procuração chegou às mãos da advogada Dalva de Oliveira que iniciou o processo.

Dia 25 de agosto Dalva foi com todos os papéis à Justiça de Contagem, apressando o processo pois havia urgência na decisão, pois à medida que o tempo passava o feto crescia e diminuía a possibilidade de Edna abortar.

No dia 8 de setembro, a advogada Dalva de Oliveira foi à Secretaria do Fórum buscar a resposta. Estava confiante. Entrou, demorou e voltou com o processo na mão e a resposta do juiz: “Nego-lhe a pretensão posta em

evidência por inoportuna e sem amparo legal da forma pretendida”.

Dalva olhava para os papéis imaginando como mostrar a sua cliente, humilde e de pouca escolaridade, os “considerandos” do juiz William Silvestrini. “Se basearam nos trâmites da lei, enquanto eu pedia humanidade. Não estou tão surpresa, já imaginava isso, diante das aparências.”

Não vou entrar com recurso no Tribunal de Justiça porque, de acordo com a burocracia, quando viesse a solução, a criança já estaria para nascer”.

Aborto legal: uma necessidade

Edna recebeu a notícia chorando muito. “Agora podem me deixar em paz. Sei de um lugar onde posso fazer aborto ilegal. Vou fazê-lo por 28 mil que eu e

meu marido vamos tomar emprestado. Tudo vai ficar no devido lugar no futuro.”

Mas Edna não é o único caso. No Hospital das Clínicas em São Paulo anda sem solução o caso de uma menor de 12 anos estuprada pelo cunhado que depois de seguir todos os trâmites legais conseguiu autorização para fazer um aborto, só que não conseguiu médico que o fizesse. Hoje ela já está no quarto mês e meio de gravidez, sem ter o seu caso resolvido.

Diante dessa situação diversas entidades feministas divulgaram uma nota à imprensa condenando a decisão do juiz Silvestrini e conclamando todas as mulheres a “lutarem pelo direito ao aborto livre e gratuito” e estão se preparando para o lançamento de uma campanha nacional pela legalização do aborto.



No momento em que em vários estados do país se encaminha a recriação da Federação das Mulheres do Brasil, como continuação da história da entidade que foi extinta em 64, inclusive a partir de seus estatutos originais, EM TEMPO inicia o debate sobre este tema de grande importância para o movimento feminista. A seguir, uma colaboração de Elizabeth Souza Lobo, que tem expressiva participação no movimento feminista em São Paulo.

Alguém disse que neste país a cada dez anos perdemos a memória. O fenômeno parece dar bons resultados: não só esquecemos o que é incômodo lembrar, como de repente, alguém resolve tirar do baú a sua maneira, pedaços de história e apresenta-os conforme seus interesses. Já que não há memória coletiva, isto é fácil.

Agora, por exemplo, descobriu-se que nossas tias e avós também eram

feministas, além de revolucionárias. Boa notícia. As primeiras lutas das brasileiras se deram em torno a igualdade como cidadãs: direito ao voto, igualdade civil. Eram os tempos de Bertha Lutz (1920/30). E até antes dela. Yayás e sinhás ainda no século XIX publicaram jornais como o SEXO FEMININO onde se preocupavam com a melhoria da educação das mulheres, a abolição da escravidão e escreveram que "a mulher deve subir à tribuna e advogar sua causa, isto é a causa do direito, da justiça e da humanidade".

Cabelos curtos e charutos baianos

Paralelamente ao feminismo liberal, também no movimento socialista a questão da dominação da mulher se desenvolve mais além dos textos clássicos. Mas enquanto o primeiro (o feminismo liberal) preocupava-se mais com a emancipação civil, o feminismo socialista vai insistir na participação da mulher como trabalhadora e como revolucionária.

A história não se repete

No 3º Congresso da Internacional Comunista (Moscou 1921), as "Teses sobre a Propaganda entre as mulheres" diziam: "Em toda parte onde a questão da conquista do poder se coloca claramente, os partidos comunistas devem saber apreciar o grande perigo que representa para a revolução, massas inertes de operárias, donas de casa, empregadas e camponesas não liberadas das concepções burguesas da Igreja e dos preconceitos e não vinculadas ao grande movimento de libertação que é o comunismo". E as resoluções propõem estender a influência do Partido e do comunismo às massas de mulheres, criando seções femininas ligadas ao Secretariado Internacional.

Esta proposta certamente influenciou na criação da União Feminina - Movimento Feminino da Aliança Nacional Libertadora fundada em 1934 que defendeu Olga Benário (mulher de Prestes) e fez trabalho de solidariedade entre as mulheres dos presos políticos.

Sobre o papel pioneiro destas mulheres corajosas, não há dúvidas. Aliás, segundo um conceituado brasileiro, eram atacadas por seu comportamento "imoral e espalhafatoso" e algumas faziam-se vulneráveis a tais críticas defendendo o amor livre e adotando afetações como "cabelos curtos e charutos baianos" (Levine: O regime de Vargas). São estas mesmas pioneiras que em 47 publicaram o jornal Movimento Feminista e fundaram a Federação das Mulheres que lutou contra a carestia e as multinacionais. Mas e os problemas das mulheres?

Maio de 68 e o feminismo revisitado

A emancipação e participação, ainda que pelas melhores causas, não são suficientes para libertar as mulheres. Depois dos tempos heróicos das frentes contra o fascismo, as mulheres perceberam que seus problemas mais quotidianos como a dupla jornada, o direito ao aborto e à contracepção, a violência sexual conti-

nuavam esquecidos da grande política. E sobretudo redescobriram que para levar suas lutas, elas próprias deveriam sair às ruas, criar seu movimento. Independentes das vinculações partidárias, das entidades fantasmagóricas que decidem quais as lutas prioritárias.

Estes problemas não eram novos. A mesma Kollontai que escreveu as Teses de Moscou, já dizia, que não adianta só pedir creches se homens e mulheres não estão convencidos da sua importância, se alguns dizem que face à fome é preciso primeiro construir fábricas ou se depois do horário da creche são as mulheres que continuam a cozinhar e lavar. O Feminismo dos anos 80 entende que a dominação sexual não termina com a exploração das classes e que a autonomia do movimento de mulheres é fundamental para assegurar que não hajam falsas etapas nas lutas, nem vanguardas auto-intituladas. Desde 1975 o feminismo ressurgiu no Brasil. Não é o mesmo de nossas tias e avós. Elas cumpriram seu papel, mas a história se renova e a nossa é diferente.



Cobes inaugura creche municipal em Campo Limpo

F. Tardi
14/10/81

A Coordenadoria do Bem-Estar Social inaugurou ontem a Creche Municipal de Vila Caiçara, em Campo Limpo, que atenderá a 120 crianças até seis anos de idade, cujos pais recebem até dois salários mínimos e as mães trabalham fora. A inauguração, que marcou o início das comemorações da Semana da Creche, instituída no fim do ano passado, pela Prefeitura, não foi presidida pelo prefeito Reinaldo de Barros, como estava programado, por motivo de viagem. Wilson Quintela, da Cobes, o representou.

A creche, que faz parte do programa de atendimento à infância implantado pela atual administração, custou cerca de cinco milhões de cruzeiros. Localizada na rua Pedro Roldan, a unidade servirá à população carente que vive no Jardim São Manuel, Vila Caiçara, Jardim Tamoio e Morro do Índio, bairros formados quase só por favelas e loteamentos clandestinos.

DEZ ANOS DE ESPERA

A sua construção veio atender a uma reivindicação de quase dez anos da Sociedade Amigos Unidos da Chácara São Judas, Vila Caiçara, Jardim São Manuel e Parque Cristina, na Zona Sul. Segundo sua presidente, Alice Léo de Carvalho, um dos maiores problemas da

região sempre foi a falta de um lugar seguro onde as famílias de baixa renda pudessem deixar seus filhos durante o horário de trabalho.

EM SANTANA

Dentro da programação da Semana da Creche, a Prefeitura inaugura hoje, às 15 horas, mais uma unidade que garantirá 150 vagas para crianças de zero a seis anos, moradoras na região de Santana.

Situada na rua Caetano Teixeira, a Creche Municipal "Virginia Bianca" tem 585 metros quadrados de área construída, atendendo a projeto da Emurb. Destinada, prioritariamente, a crianças cujos pais recebem até dois salários mínimos, somente em equipamento (geladeiras, fogões, armários, etc) e material de consumo (brinquedos, fraldas e cobertores) ali foram investidos mais de 1,1 milhão de cruzeiros.

Serão abertas amanhã e sexta-feira, às 11h30, as creches de Veleiros, em Santo Amaro, e de Capão Redondo, em Campo Limpo, criando mais 240 vagas para crianças carentes. Além disso, no dia 17, às 9h30, o prefeito Reinaldo de Barros deverá inaugurar a creche de Vila Praia, assegurando mais 120 vagas para crianças moradoras no Butantã.

Família relativizada (I)

Pe. Benê dos Santos

A família jamais foi uma realidade estática e acabada. Ela sofre o influxo da cultura, das determinações econômicas, das transformações sociais. Está marcada, portanto, pela historicidade. Por exemplo, a passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana (hoje mais de dois terços da população brasileira vivem em centros urbanos) está fazendo surgir um tipo de família denominada **nuclear**. Trata-se de uma família desligada, de fato, da parentela, reduzida ao núcleo pais e filhos (menores). O trabalho da mulher fora do lar tem alterado bastante a fisionomia da família e tem colocado o problema da socialização da maternidade. Outros grupos sociais surgiram e se tornaram relevantes, deixando a família de ser o único elo entre o indivíduo e a coletividade. Portanto, considerar a família como espécie de "mônada sagrada" não corresponde mais aos dados da

realidade histórica.

Continua ela sendo ainda a **célula-mãe** da sociedade?

Certamente que causou impacto nos membros do último sínodo dos bispos, reunido para tratar das funções da família no mundo atual, as seguintes palavras de Dom Cláudio, bispo de Sto. André: "Nós contestamos um pouco a idéia de que a família é a célula-mãe da sociedade".

Algumas vezes esta expressão dá a entender que a sociedade é simplesmente o resultado da reunião de famílias e que a família continua sendo o único elo entre o indivíduo e a sociedade. Como observou o Padre Charbonneau, em recente artigo, "a família deixou de ser o elo natural entre o indivíduo e a coletividade; em seu lugar existem os inúmeros sindicatos, autarquias, organizações de classe, etc., que servem de ponte entre a unidade personificada e a coletividade anônima. As definições fundamentais não são mais feitas dentro do meio fa-

miliar que, de certa forma, tornou-se impotente. A máquina do Estado engoliu o velho intermediário que era o núcleo familiar... Do ponto de vista estritamente sociológico, podemos hoje imaginar um país imenso, organizado sem o recurso dos imperativos familiares e das influências que nos acostumamos a ver nascer do meio doméstico... Do ponto de vista cívico, a célula familiar, cada vez mais, perde sua importância. Está sendo trocada por novos instrumentos de socialização".

A expressão **célula-mãe** pode ainda dar a entender que a causa dos males sociais se encontram na família e não nas estruturas injustas de uma sociedade, como a nossa, construída assimetricamente. A família brasileira é vítima de uma sociedade de classes, onde poucos têm muito e muitos (as maiorias) têm pouco; sociedade baseada na concorrência selvagem, no lucro como mola principal das relações sociais; sociedade dominada

pela mística da produtividade e do consumismo. Nessa sociedade, jamais a família poderá ser completamente sã.

Da concepção da família como célula-mãe da sociedade surge o **familismo**. Consiste no fato de se atribuir, não só no plano da análise global da sociedade, mas também no plano pastoral da Igreja, uma prioridade exagerada à família, esquecendo-se de que ela, hoje, não constitui mais o fator preponderante de influência sobre o indivíduo. Numa intervenção feita no último sínodo dos bispos. D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, afirmou que a família influi, em cada ser individual, em cerca de vinte e cinco por cento, enquanto setenta e cinco por cento são influências de outras instituições.

Creio, pois, que essa visão realista da família é condição fundamental para uma redefinição do seu papel na Igreja e na sociedade global.

Ibirité, MG:

Mães lutam para manter creche

Cerca de 200 mães do bairro de Ibirité, em Belo Horizonte, fizeram um encontro em 1979, para avaliar sua participação nos movimentos por transporte, água e escola. Elas já haviam formado comissões de bairros, para lutar conjuntamente por melhorias nos bairros, mas sentiam a necessidade de creches para deixar os filhos e ir trabalhar.

Foi assim que surgiu a idéia de fazer um "prézinho", nas salas da igreja local. Durante 6 meses, a creche funcionou na base de voluntárias com doações e coletas de alimentos. Ainda hoje, o atendimento é precário às 40 crianças, das quais 25 em período integral das 6 às 20h00). A creche consegue sua renda de

OSP. 9p 15/10/81 p. 4
 Cr\$ 21.900,00 mensal, através de bazares, promoções e doações.

Ao mesmo tempo, as mães não esqueceram da falta de escola para as crianças do bairro. Segundo o relato de Cleusa Maria da Silva Alves, da Associação Feminina Sol Nascente, que mantém a creche, as mães também reivindicam do Estado uma escola para o bairro. "Há uma escola no bairro de Jatobá, que serve outros 5 bairros, mas as crianças têm de andar uma hora para chegar até lá", conclui ela. Cleusa diz também que as mães fizeram uma pesquisa no bairro para saber se havia crianças em idade escolar sem vagas, e que constataram mais de 500 nesta situação.

Quem educa a criança pré-escolar?

Jô Azevedo

FOI esta a principal discussão dos 33 participantes no 1.º Encontro Nacional sobre Creches, realizado em São Paulo de 21 a 23 de setembro, e promovido pela Equipe de Pesquisas em Educação, da Fundação Carlos Chagas. Planejado para servir como meio de intercâmbio de experiências, o encontro acabou discutindo os problemas fundamentais em relação às creches, ou seja, desde o trabalho feminino, a legislação, os problemas técnicos-pedagógicos, o papel da reivindicação popular, até a necessidade de definição da responsabilidade pela educação pré-escolar.

Os participantes, maioria de mulheres, representavam grupos de bairros, movimentos reivindicatórios, creches de empresa, entidades classistas e instituições oficiais, de 11 Estados. Pela manhã, havia o relato das experiências de cada um, e à tarde, nos dois primeiros dias, os participantes debatiam em pequenos grupos. Na terça-feira à noite, houve debate público no Auditório Pedroso Horta da Câmara Municipal, e o plenário geral foi realizado na quarta-feira, à tarde, antes do encerramento.

NA EMPRESA E NA ROÇA

Creches de duas empresas diferentes foram os primeiros relatos. Regina Maria Nascimento, diretora da creche da Paramount Lansul, em Sapucaia, Rio Grande do Sul, disse que a creche é um elemento de bem estar social, antes de mais nada: "Na nossa experiência, verificamos que a assistência dada à mãe, torna a funcionária mais produtiva". Por isso, a condição básica da creche é a amamentação, atendendo 50 crianças de 0 a 18 meses. As mães têm dois descansos de 30 minutos, conforme prevê a lei, para amamentar seus filhos, no horário de trabalho.

A creche da Cooperativa Holambra, em Jaguariúna, São Paulo, atende em sua maioria, filhos de colonos ou bóias-frias. Ela existe desde 1973, como relatou Regina Wagemaker, sua diretora: "Trabalhamos numa casa adaptada, temos convênio com a LBA, mas o restante da verba advém de promoções". A creche atende 45 crianças, no horário em que a mãe trabalha: desde 6h30 há um funcionário para recepcioná-las e elas permanecem até 17 horas.

Já em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que é o 7.º município brasileiro em população — 1 milhão e meio de habitantes — existem apenas 5 creches conveniadas, das quais 3 em funcionamento. A necessidade de reivindicar mais creches, no entanto, só foi definida no 2.º Encontro de Mulheres da Baixada, este ano, ao lado da luta pela supressão da taxa da APM, ainda obrigatória (cerca de Cr\$ 600,00) nas escolas públicas. Segundo Maria Lanaro, estão proliferando escolinhas particulares, diante da necessidade cada vez maior das mães em trabalhar fora de casa.

Representando o Sindicato de Trabalhadores rurais de Alagoa Grande, Paraíba, Margarida Alves contou a dura vida da lavradora: "Ela levanta às 3 horas, busca água a mais de 5 quilômetros, vem, faz café e vai para roça, pegar na enxada. Em grande parte, o marido é bóia-fria, os meninos têm barriga grande, é triste a situação. Tem vez que os menores, ela leva junto para a roça. Os outros ficam trancados e quando a mãe chega, estão urinados, machucados, queimados. A mulher não ganha nem o salário mínimo, os meninos andam nus e descalços. A jornada de trabalho excede as 10 horas e o pessoal mora na cidade porque foram expulsos do campo pela cana, pelo capim e pelo sisal. É preciso creche, mas também é preciso terra para o lavrador."

A creche Pixote de Osasco tem todas as características de uma creche comunitária. As mães cansaram de reivindicar creche, segundo Sônia Rainho, sua diretora e partiram para concretizá-la. Alugaram uma casa, e estabeleceram um convênio com a Prefeitura, em que um pouco mais da metade do "per capita" é coberto. "Gastamos 3 mil por mês, para cada criança", prossegue ela, "e 1.200 vêm da Prefeitura". Ela atende 44 crianças, suas instalações são modestas, mas o grupo que atua, é um dos mais organizados da comunidade. Sônia: "A maior questão para nós é desenvolver uma pedagogia que atenda à nossa realidade, pois o que está nos livros, nem sempre atende ao que precisamos".

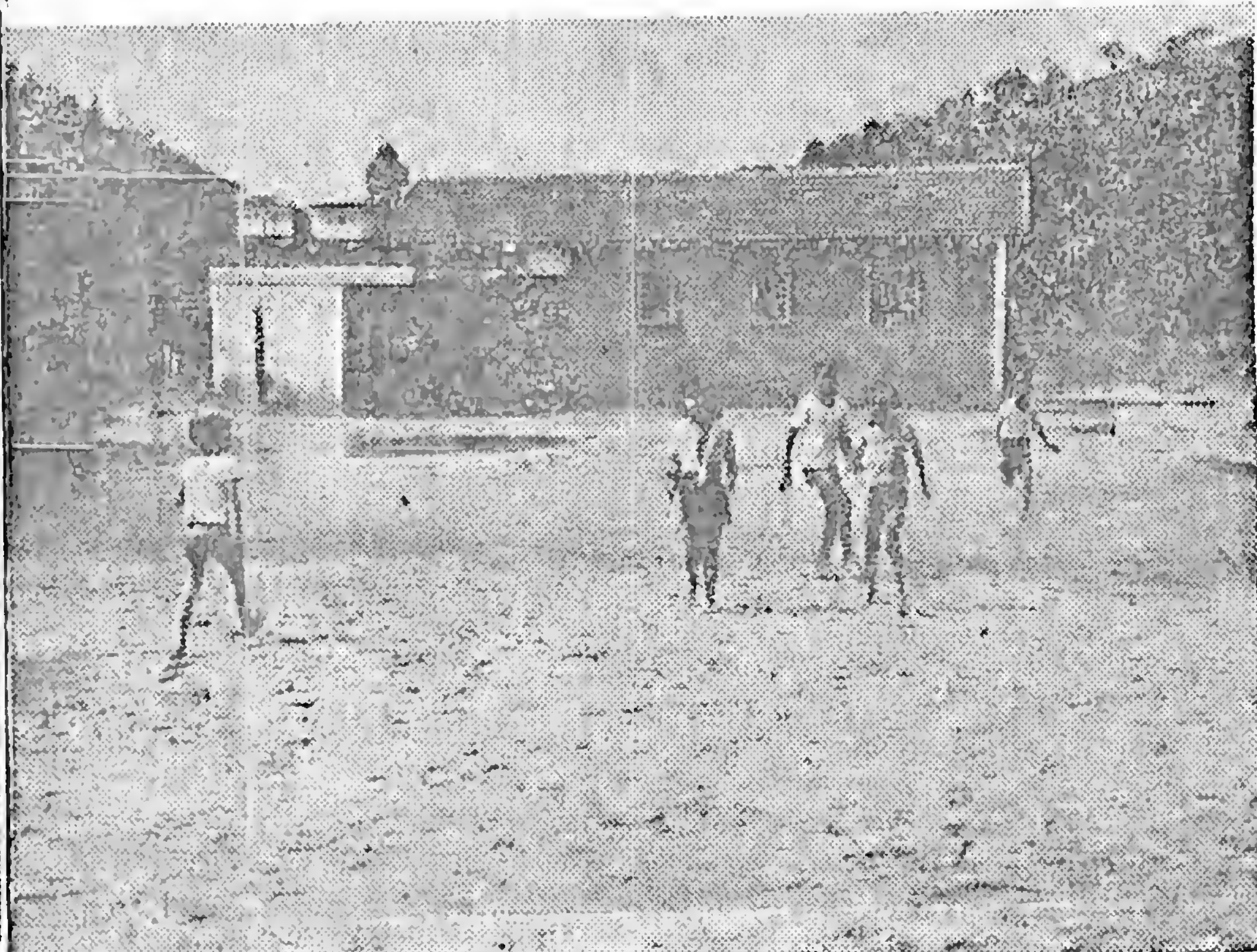
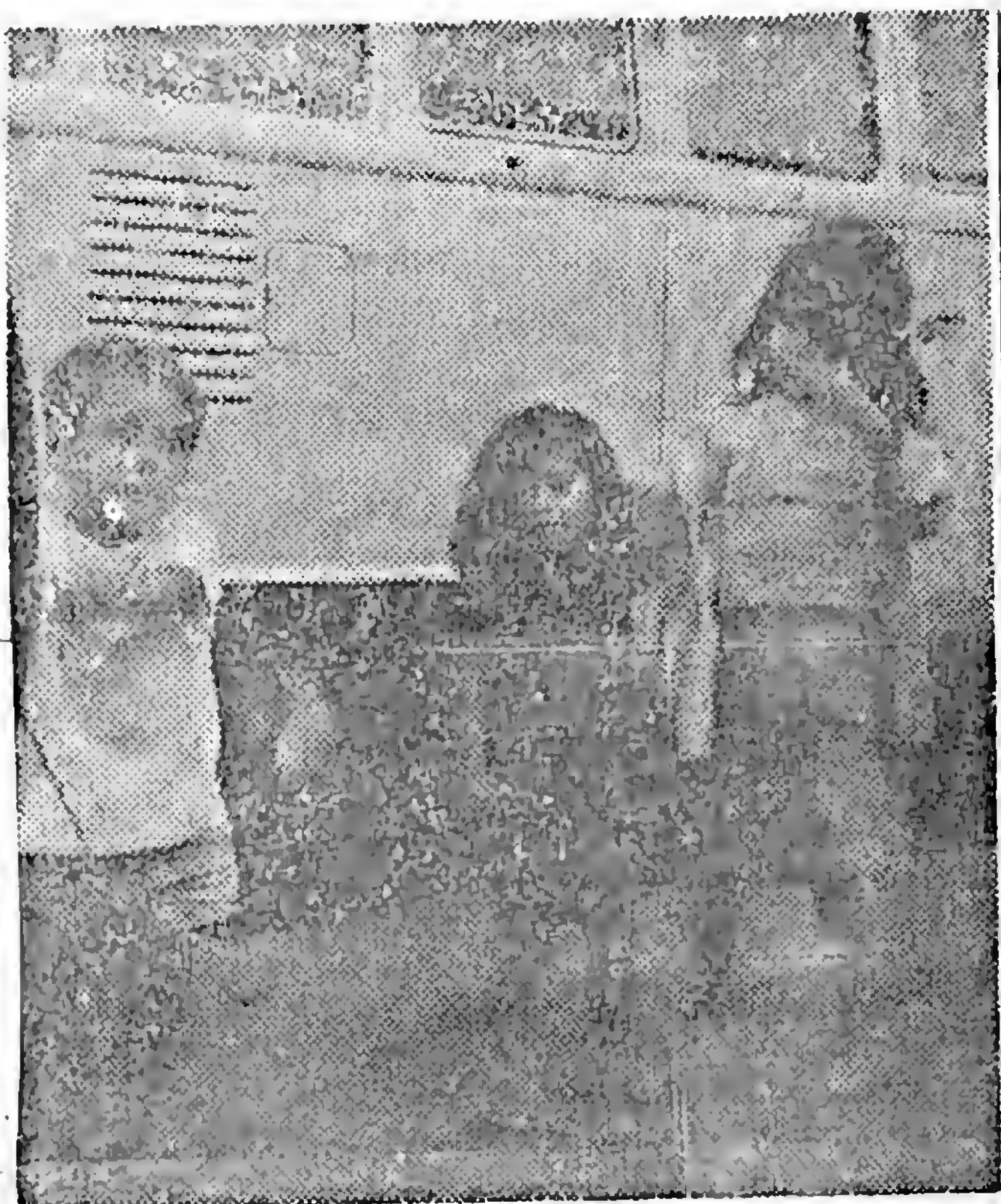
Irma Moroni, representando a LBA de Fortaleza, CE, em seu relato, disse que o programa de convênio das Creches Casulo, no seu Estado, está atendendo nada menos que 30.800 crianças, a nível de suplementaridade alimentar. À tarde, em pequenos grupos, foram debatidas as questões sugeridas pela organização, divididas em itens: implantação, gestão e funcionamento das creches.

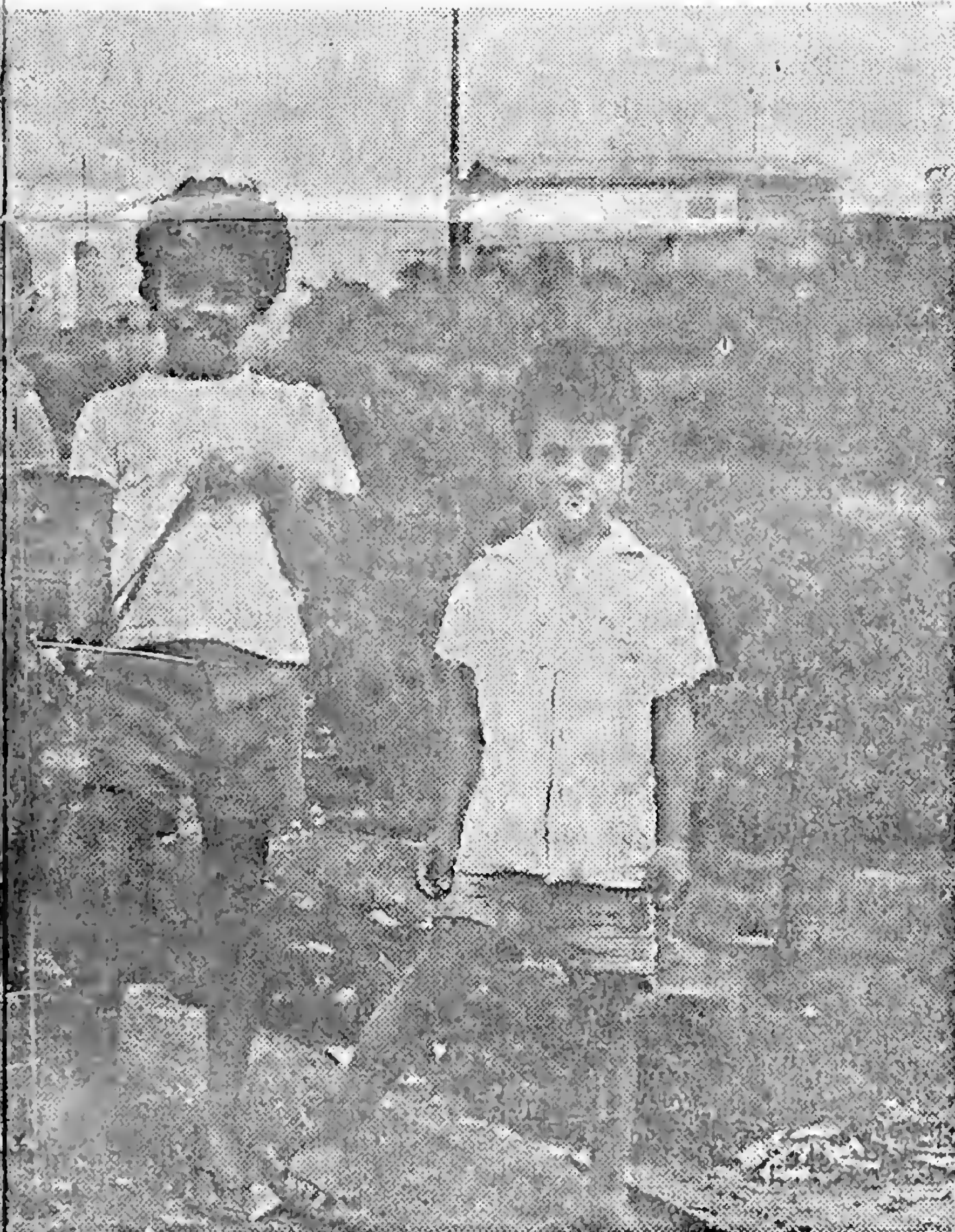
FISCALIZAÇÃO E VERBAS

Na terça-feira, a representante do Sindicato dos Têxteis em SP principiou os relatos, frisando a importância da existência das creches nas empresas, para a trabalhadora. Por outro lado, a Delegacia Regional do Trabalho de Santa Catarina, relatou uma experiência inédita de fiscalização das empresas do Estado, quando a lei que obriga as firmas com mais de 30 mulheres maiores de 16 anos a manter creches. Para ilustrar a gravi-

USP

de 9 a 15 / 20/81





dade do problema, basta dizer que apenas 3% das empresas brasileiras cumprem a legislação e 25% delas deveriam se enquadrar neste caso. Além disso, as multas aplicadas são irrisórias (cerca de Cr\$ 1 mil) e a fiscalização não é feita pelo Ministério do Trabalho. Segundo Sônia Tomé, da DRT de Santa Catarina, em 1979, aquele órgão fez um levantamento e constatou que 593 empresas daquele Estado deveriam manter creches. Em Florianópolis, eram apenas 3 delas que cumpriam a lei. Depois da campanha feita pela DRT, hoje são 196 que mantêm convênios ou creches. "Em seguida, constatou-se que 34% das vagas existentes não eram usadas pelas mães. "Nós pesquisamos e chegamos à conclusão de que a maioria tinha conhecimento das creches, mas não usava pelas dificuldades: creches distantes do local de trabalho ou moradia, dificuldade em transportar a criança nos ônibus cheios, horário de funcionamento da creche não correspondentes aos do trabalho das mães e outras".

A experiência dos lares substitutos de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, foi descrita por Maria Cunha, da Fundação de Serviço Social Basicamente, está organizada sobre uma prática da população: uma mãe é remunerada pela Prefeitura para assistir a 6 crianças, em sua casa. São 600 crecheiras, atendendo 1.700 crianças, com assessoria técnica do órgão.

A Comissão de Bairros de Belém, Pará, foi organizada em 1979 e tem discutido muito a questão das creches. Uma pesquisa foi feita nos bairros e se constatou um grande número de crianças de 0 a 6 anos, sem cuidados. A questão que se coloca, nesse caso, é como conscientizar a população sobre esta necessidade.

Os administradores de creches conveniadas

com a Coordenadoria do Bem Estar Social de São Paulo também têm enfrentando inúmeras dificuldades, relatadas por Luiz Ferreti, diretor da creche Turma da Touca em Campo Limpo: "Em 1979, havia uma grande defasagem entre o valor recebido "per capita" e o custo de vida. Os administradores se reuniram, para reivindicar da Cobes uma atualização. "Apenas em julho deste ano, a verba foi aumentada: nas creches direta o "per capita" é de Cr\$ 6 a 8 mil e a quantia destinada às creches conveniadas é agora de Cr\$.. 4.071,00, para alimentação, material pedagógico, salários e manutenção, conforme a legislação de 1977 e ainda é insuficiente.

A última exposição foi de Rosvita Saussierig Laux, diretora da Associação Infantil Pé de Pilão, de Porto Alegre, creche organizada para atender às jornalistas, cujo horário é muito variável. "Ela funciona desde 1978, das 7h30 às 21h00, com a participação dos pais, através de assembleias, no seu direcionamento. "Se houver 5 crianças fora do horário fixo, que necessitem permanecer, é aberta uma nova turma. Como o índice de pais separados é grande, a creche tem um recreacionista homem, para as crianças com problemas de adaptação. São atendidas 70 crianças de 0 a 5 anos".

A noite, na Câmara dos Vereadores, falaram Ana Lúcia Faria, da Coordenação do Projeto de CEPECs — Centros Polivalentes de Educação e Cultura, da Prefeitura de Piracicaba; Isaias Gomes, da Fundação Fé e Alegria, que coordena o trabalho da creche comunitária do Jardim Zaira, Mauá; Vanda Miranda, médica sanitária de Salvador, que constatou várias irregularidades numa creche de sua cidade; além de representantes de Belém, Belo Horizonte e Alagoa Gran-

de. Em seguida, houve debate com os presentes, cerca de 200.

PRECARIEDADE OU REIVINDICAÇÃO?

Grande parte das creches particulares enfrentam enormes dificuldades para sobreviver. Não conseguem pagar salário condizente para os funcionários, funcionam com voluntários e nem sempre o atendimento à criança é satisfatório. Este problema é sentido tanto nas 13 creches de Ribeirão Preto, como no Prezinho Sol Nascente, de Ibitiré, Minas Gerais. A única diferença é que as primeiras, em sua maioria, são iniciativa de instituições de caridade, e o Sol Nascente nasceu do trabalho de organização comunitária das mães. Já a preocupação de Isaías, no Jardim Zaíra, com uma creche que atende a 60 crianças, é desenvolver um trabalho experimental, valorizando as iniciativas da comunidade.

O relato de Maria da Graça Vieira Reis, diretora da Penitenciária Feminina de Porto Alegre, que mantém uma creche para 15 crianças, filhas de presas, desde 1971, sensibilizou os participantes. A realidade ali é muito diferente, e a criança requer muito maior estimulação para se desenvolver, é extremamente carente e ainda sofre os efeitos das mães alcoólatras, prostitutas toxicômanas. "A gente parte do princípio que a prisão não é boa para ninguém", diz Maria da Graça. "Tentamos fazer um trabalho com as mães, elas participam muito da creche. O trabalho de recuperação da mãe através do contato com o filho tem se verificado positivo".

Uma página que trabalha em creche conveniada, fez um depoimento sobre o ritmo massacrante a que estão expostas: mais de 10 horas diárias, tomando conta de 23 a 26 crianças (quando o máximo seria 10, segundo os padrões internacionais), não há professoras que as orientem e o horário de almoço é tomado com as crianças. Tudo isso para ganhar Cr\$ 13 mil e realizar trabalho mais importante que o de diretor, pois seu contato é direto com a criança. "Eu nunca fui mal em Matemática na escola", disse ela, pedindo para não ser identificada, pois a pressão por parte da diretoria também é grande, "mas, agora a minha cabeça anda fraca. Acho que é por causa de tanto tempo convivendo com as crianças".

Desde 1973 é que há um projeto de implantação de creches diretas mantidas pela Prefeitura, em São Paulo, conforme relato de um dos diretores de novas creches que vêm sendo instaladas pela Cobes. Mas, apenas agora, diante das pressões que o Movimento de Luta por Creches vem fazendo sobre a Prefeitura, é que se construíram 50 delas na periferia. Segundo Amália Pereira Alves, do Movimento, a luta por creches existe há 10 anos, mas apenas em 1978, no 1.º Congresso da Mulher Paulista, se ampliou, sobre as reivindicações por creche direta, com a participação da comunidade no seu direcionamento: "O prefeito anunciou as creches como presente, mas não é assim. Muitas delas estão em condições precárias, e só na do meu bairro, existem 420 crianças na fila de espera. As construções são de péssima qualidade e nos lugares onde as mães não estão organizadas, falta de tudo, até alimentação". O último relato foi de Ana Pinheiros, sobre a experiência da Associação dos Comissários de Bordo Varig-Cruzeiro do Rio, para conseguir uma creche que atendesse ao horário da categoria, se constituindo numa espécie de hotelzinho.

Os comissários estão reivindicando que a empresa participe da construção de um projeto — o terreno já foi conquistado do Ministério da Aeronáutica, perto do Galeão — para atender 90 crianças e outras associações entraram na luta.

O debate final, em plenário, a respeito dos temas levantados nos grupos, se centralizou sobre a questão da responsabilidade pela educação do pré-escolar. Foi levantada a necessidade de uma ampla campanha para que o Estado defina sua responsabilidade pelo pré-escolar, quer a nível municipal, estadual ou federal, através da legislação. As pessoas que têm experiência de creche comunitária e lutam para mantê-las comentaram que a questão não é apenas sobre a que órgão recorrer para obtenção de verbas, ou como proceder nesses casos. Mas, que a responsabilidade por esta faixa se encontra diluída. Um resultado disso é a quantidade de órgãos que se encarregam de destinar verbas para atendimento de crianças de 0 a 6 anos: Ministério da Saúde, Previdência, Trabalho, Educação, além das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Bem Estar Social.

No entanto, a creche é um problema educacional, e se insere na luta da população pelo direito à Educação, entendida como dever do Estado. Neste ponto apareceu uma grande dúvida: como o Estado pode assumir a educação do Pré-Escolar, levando-se em consideração que até mesmo as crianças de idade escolar não são atendidas em sua totalidade? Apenas em São Paulo, por exemplo, dados da própria Secretaria de Educação indicam 7 milhões de crianças sem escola. Alguns participantes do Encontro, como o Movimento de Luta por Creches de São Paulo, enfatizaram a necessidade da pressão popular forte para exigir esta definição.

Uma proposta aprovada em plenário é a de que a equipe preparatória do Encontro procure organizar em documento todas as exigências dos órgãos oficiais para convênios com creches, enviando-os aos grupos, e suprimindo uma necessidade imediata de informação manifestada pelas entidades mais pobres. Ao mesmo tempo, a equipe documentará o encontro e tentará manter estes grupos articulados, dando continuidade ao debate iniciado.

Médico critica excesso de cesarianas no Brasil

O professor José Galba Araújo, da cadeira de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, criticou ontem à tarde, durante a sessão do 13.º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, que se realiza no Anhembi, o número excessivo de cirurgias cesarianas feitas por médicos brasileiros. Segundo ele, 50% das clientes de clínicas particulares no Brasil são submetidas a cesariana, enquanto na Europa esse índice é de 4 a 6% das parturientes e nos Estados Unidos não chega a 12%.

"O parto tende a se normalizar no mundo, não porque os médicos queiram, mas porque as mulheres já estão cansadas de serem desnecessariamente cutucadas de um lado para outro", alertou o professor, ao apresentar trabalho desenvolvido na zona rural do Ceará, aproveitando as "curiosas" para uma melhor assistência à população carente, e onde tradicionalmente a mulher dá à luz sentada em banquetas, sem a presença de médicos.

O professor cearense apontou o medo, a necessidade de demonstração de "status" social e a busca do lucro como os principais fatores que determinaram a intensa procura da cirurgia cesariana. "E o médico não é burro, pois um parto normal no meu Estado custa Cr\$ 15 mil, enquanto uma cesariana alcança os Cr\$ 50 mil", disse ele.

Segundo Galba Araújo, apenas 2% a 3% das parturientes deveriam sofrer cesarianas. "Nos quase 30 mil partos verticais (usando banquetas) que assistimos no Ceará, apenas essa ínfima parte tinha que ser operada, pois as mulheres apresentavam complicações como hemorragia, deslocamento precoce ou bacia estreita, entre outras coisas." As demais, frisou, deram à luz normalmente, sem traumas graves, algumas até fazendo o corte do cordão umbilical.

Os partos com a mulher na posição vertical (sentada em banquetas, de cócoras e até mesmo em pé) é o que melhor se presta à fisiologia obstétrica, explica o professor, acrescentando que dessa maneira atinge-se "a posição natural de expulsão", com uma taxa bastante baixa de lesões e rupturas vaginais.

PARTEIRAS HÁBEIS

Há seis anos, o professor Galba Araújo desenvolve um programa de assistência às gestantes pobres da zona rural do Ceará. Trabalhando em região carente de recursos e de assistência médica e seguindo orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), ele começou a usar as parteiras, uma velha tradição brasileira — "mais da metade do povo nasce nas mãos dessas mulheres", diz ele.

Em convênio com a Secretaria de Saúde do Estado e o Inamps e recebendo verbas da Fundação Kellogg, Galba Araújo implantou um serviço, onde as parteiras fazem um rápido curso de reciclagem, "apenas para a gente dar alguma orientação, porque o principal elas sabem fazer, que é simplesmente assistir ao parto, sem tocar na mãe, sem puxar a criança".

Nesse esquema de trabalho, as parteiras, hábeis em detectar quando o parto poderá ser complicado, são orientadas para enviar as mães aos pequenos hospitais da região, onde efetivamente há assistência médica. Seus projetos incluem 16 hospitais e uma série de rústicas salas de parto, algumas montadas nas casas das próprias "curiosas". Foi desenvolvido também uma banqueta padrão, acolchoada, para substituir os bancos comuns.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha da Manhã*
Data: *15/10/81*
Pág.: *15*

Pasta n.º
N.º do recorte

**Creche com pouca
verba preocupa
e mobiliza mães**

As mães de São João da Boa Vista estão se mobilizando para aumentar o número de creches na cidade. Atualmente, cerca de 70 delas espera vaga na única creche existente, a Lar Meimel, que tem capacidade para atender até 300 crianças, mas só atende atualmente 60, por falta de recursos financeiros.

Em vista desta dificuldade, a entidade fez um pedido à Febem para convênio, porém até agora nada foi decidido. Além da recuperação desta unidade, o município deseja ainda a construção de outras creches.

LBA: 25 MILHÕES DE CRIANÇAS ESTÃO SEM CRECHES

Apesar das inúmeras creches existentes em todo o País, muitas das quais sobrevivem graças à ajuda da Legião Brasileira de Assistência e de outras entidades, de caráter público e particular, ainda há cerca de 25 milhões de crianças em idade pré-escolar, no Brasil, que não frequentam creches. A afirmação foi feita ontem pelo superintendente regional da LBA, Emílio Julianelli, durante a abertura do Seminário para Administradores de Creches promovido pelo Senac e Legião Brasileira de Assistência. O encontro — que se encerra amanhã — conta com a participação de representantes de creches públicas, entidades particulares e de empresas e tem por objetivo propiciar um intercâmbio de experiências desenvolvidas nas creches.

Segundo seu superintendente, a LBA possui a maior rede de atendimento a creches, totalizando 350 mil crianças no País. Conforme assinalou a presidente do órgão, também presente ao Seminário, Léa Leal, em breve será lançada uma campanha, a nível nacional, que visará conscientizar a comunidade em geral e, especialmente, os empresários, para que sejam abertas novas creches. Com isso, ele pretende que até meados de 82 um milhão de crianças sejam abrigadas.

CUMPRIR A LEI

Contudo, isso representa muito pouco, visto que, de acordo com os dados oficiais citados pelo superintendente regional, 25 milhões de crianças entre zero e seis anos ainda não contam com o apoio dos órgãos públicos.

"Se ao menos os empresários cumprissem as leis — ressaltou o superintendente Emílio

Julianelli — fazendo funcionar uma creche nas empresas que possuem um número x de mulheres em seus quadros, acredito que mais um milhão de crianças tivessem condições de ser abrigadas". No entanto, mais do que cumprir as leis, ele acredita que isso envolve um trabalho muito árduo de sensibilização desse empresário, assim como de toda a população. Desses 25 milhões de crianças, oito milhões estão concentradas nas regiões Metropolitanas do País.

Já o secretário da Promoção Social, Antônio Salim Curiati, assegurou que, ao lado de todo o esforço empreendido pela Prefeitura de São Paulo, o Governo do Estado tem ampliado e facilitado as condições para que a própria comunidade se sensibilize para a implantação de mais creches. Afirmou que o Conselho Estadual de Auxílios e Subvenções fornece todo o tipo de assistência para tal e que o governador Paulo Maluf facilitou sobremaneira o cadastramento de novas entidades. "Enquanto que há alguns anos a entidade esperava de dois a quatro anos para receber sua subvenção, agora, com reformulações, a espera é de apenas 20 a 30 dias". Quanto aos investimentos do Governo nesta área, somente este ano os incentivos aumentaram mil por cento, lembrou o secretário. "Estamos investindo dois bilhões de cruzeiros em creches, este ano".

A PRESIDENTE DA LBA

Em seu discurso na abertura dos trabalhos, a presidente da LBA, Léa Leal, disse que, "numa população de 120 milhões de habitantes, 80 milhões encontram-se no parâmetro estatístico que se convencionou chamar de população vul-



O secretário da Promoção e a presidente da LBA

nerável ou de baixa renda. Desses 80 milhões, há cerca de 25 milhões de crianças de zero a seis anos, mais vulneráveis ainda por serem crianças. E elas estão na expectativa de uma atenção nacional que lhes assegure um futuro livre de inquietações e infortúnios".

Léa Leal falou também sobre o programa da LBA de "creches-casulos", destinado a atender a crianças cujas mães trabalham fora do lar. Tal programa, apenas no Nordeste, atende a 140 mil pré-escolares, o que representa praticamente 50% do total atendido no resto do País. Ao todo, naquela região, existem 3.500 unidades-casulos, próprias da LBA ou em convênio com entidades assistenciais. Nestas instalações, cada criança, em regime de seis, oito ou dez horas, custa atualmente cerca de 1,5 salário mínimo mensal.

Finalizando, Léa Leal disse acreditar que "as comunidades brasileiras saberão responder ao nosso apelo — referindo-se à

campanha que iniciará em breve —, para que a cada ano possa ser maior o número de crianças retiradas do abandono em que hoje vivem. Com o Senac, com outros órgãos patronais e de trabalhadores, com a participação de todos os homens responsáveis do País, com o apoio dos que acreditam num futuro melhor para as gerações que nos sucederem, tenho certeza de que venceremos o terrível desafio em que consiste prestar uma assistência mais digna à criança brasileira."

PALESTRAS

O seminário prossegue hoje com palestras do coordenador da Coordenadoria de Bem-Estar Social — Cobes da Prefeitura, Wilson Quintella Filho, e do chefe da Assessoria de Coordenação Técnica de Programas da Cobes, José Olintho Machado Júnior. À tarde haverá debates.

O tema de amanhã será "Administração e Desenvolvimento dos Recursos Humanos em Creches". O encontro está sen-

do realizado no Auditório "Brasílio Machado Neto" (Senac), rua dr. Vila Nova, 228 — térreo.

CRECHE NA VILA ALBERTINA

Foi inaugurada ontem a creche municipal "Virgínia Bianca", na Vila Albertina, em Santana, projetada e construída pela Emurb na rua Agostinho Viana. Ela custou cerca de dez milhões de cruzeiros e vai atender a 150 crianças de zero a seis anos de famílias carentes, especialmente aquelas que vivem em favelas e cortiços no Jardim Tremembé, Vila Albertina, Jardim Daisi e Vila Virgínia Bianca.

Durante a inauguração, o coordenador da Cobes, Wilson Quintella, recebeu um documento reivindicando melhorias para oito favelas da Zona Norte da cidade, onde vivem cerca de 30 mil pessoas. Os favelados pediram a execução de obras de infra-estrutura básica — água, luz, esgotos e coleta de lixo — nas favelas de Vila Albertina, Ataliba Leonel, Peri Alto, Edu Chaves, Chapecó, Boa Vista, Mimosa e Carandiru, além de implantação de postos policiais e de saúde para servir os locais onde vivem.

A principal reivindicação dos moradores, no entanto, se refere à posse da terra onde estão seus barracos e à obtenção de financiamento para a construção de casas de alvenaria. Eles querem, ainda, asfalto, urbanização dos terrenos, telefones públicos, emplacamento das ruas, canalização de córregos, mais creches e prontos-socorros. Quintella prometeu estudar os pedidos e encaminhá-los ao prefeito Reinaldo de Barros.

A Semana da Criança envolve a todos nós

Estamos na semana da criança. O Cardeal D. Paulo Evaristo diz que a semana da criança envolve a todos. “E é justo” — diz o nosso pastor. “Por causa dela, temos novos motivos para viver. Nosso voto: que a criança ocupe os espaços que lhe pertencem”.

“Para realizar sua tarefa e missão, a criança precisa de condições. Mais do que em outras etapas da vida, necessitamos, nesta fase do aprendizado, do exercício e da inserção na comunidade”.

O que mais falta entre nós? “Talvez, seja a convicção de que a criança é o ser mais importante do mundo. A partir desse princípio, se modificaria a História da humanidade. O drama da criança é o de não receber amor, quando dele precisa. Sua tragédia é a de não poder dar amor exatamente na hora em que se dispõe a distribuí-lo constantemente”.

“A grande escritora Ruth

Schaumann termina seu exame de consciência, dizendo: ‘No dia do juízo, quando soarem as trombetas, três vezes serei julgada: como esposa. Como mãe. Pela criança’. Mas ela também sabe terminar o seu ato penitencial num clima de esperança: ‘O que existe, existe para amar. Foi feito por amor ao Amor’. A História do mundo há de recobrar todo o seu sentido, quando os homens se voltarem novamente para a criança”.

A Equipe de Pesquisas em Educação, da Fundação Carlos Chagas realizou em São Paulo, no mês de setembro o primeiro encontro nacional sobre creches. Foi planejado para servir como meio de intercâmbio de experiências, mas acabou discutindo os problemas fundamentais em relação às creches e um ponto muito importante na formação das crianças: a definição e responsabilidade pela educação pré-escolar.

Páginas 7 e última

C Sp. 0105/10/81



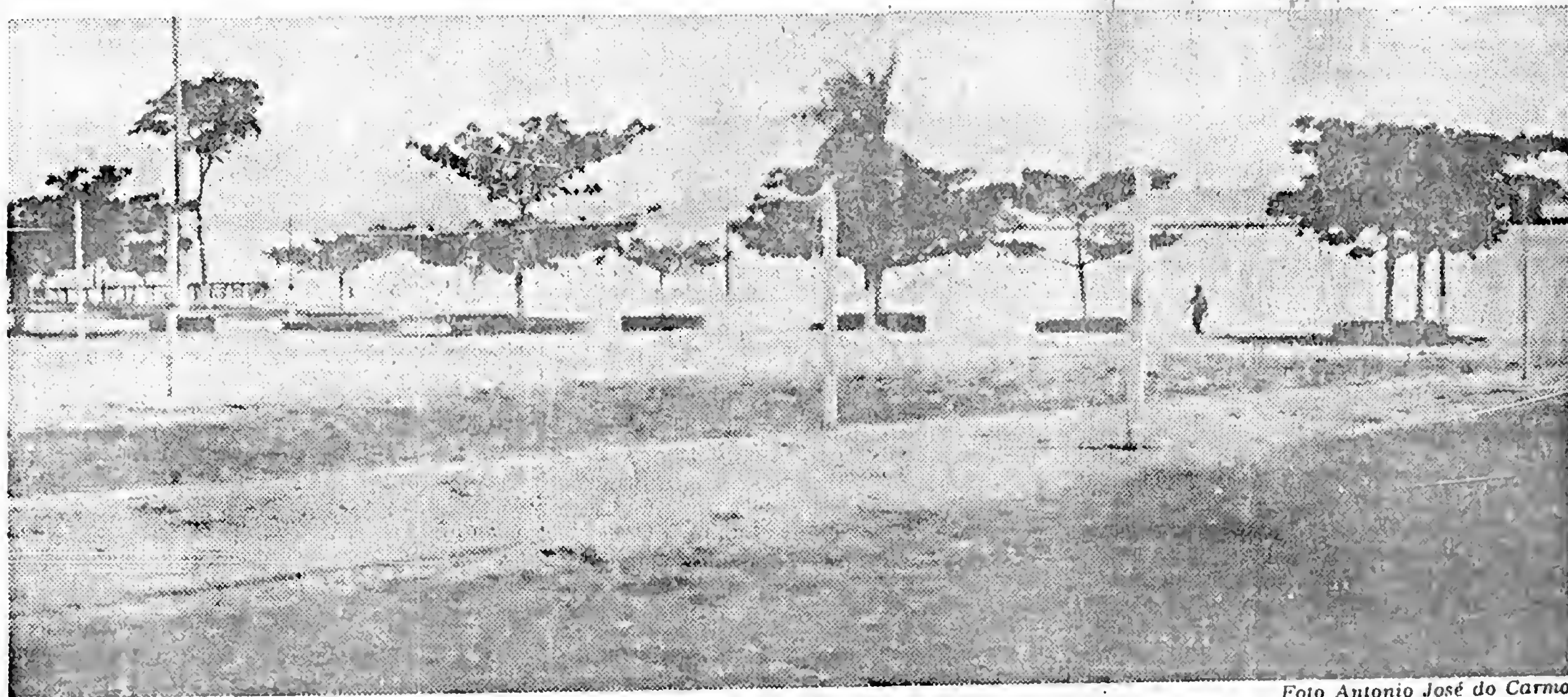


Foto Antonio José do Carmo

O balneário conta com locais para prática de esportes, sanitários e churrasqueiras

Est. SP. 16/10/81 p. 22 Verbas, o problema das creches

Um problema enfrentado pelas creches, principalmente as do Interior, é a restrita verba para poderem desenvolver melhor a parte administrativa. Este foi o comentário de algumas diretoras durante o intervalo do Seminário para Administradores de Creches Senac/LBA, que teve início anteontem e termina hoje, no auditório da rua Vila Nova. "A creche é o complemento daquilo que as mães procuram dar em casa a seus filhos", acentuou a freira Francisca, responsável por uma creche com 35 crianças de 0 a 6 anos.

A madre Francisca, após assistir à primeira parte do seminário, explicou que sua creche é mantida pela Prefeitura, em Santo Amaro, e atende a crianças carentes. "Fazemos o possível para que nada falte a essas crianças. Mas, quando a creche receber um subsídio maior, os resultados dos trabalhos serão naturalmente mais positivos", disse a madre, elogiando depois a realização do seminário.

A finalidade do Seminário para Administradores de Creches Senac/LBA, segundo os organizadores, é mostrar sua importância social e, principalmente, a necessidade de sua expansão no País. A abertura do encontro contou com a participação de representantes

de diversas creches, mães e pais. Léa Leal, presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) afirmou que "a nossa rede nacional de creches precisa ser ampliada o mais urgentemente possível". Léa observou que, numa população de 120 milhões de pessoas, cerca de 70% sobrevivem com uma renda familiar de até dois salários mínimos.

Ainda de acordo com Léa Leal, o próprio presidente Figueiredo observou que o Brasil é um País onde dois terços de sua população é constituída de pobres. "E, desses 80 milhões de pessoas vulneráveis, há quase 20 milhões de crianças de 0 a 6 anos mais vulneráveis ainda por serem crianças." Léa argumentou que cerca de oito milhões dessas crianças vivem nas regiões metropolitanas do País, e "são elas que estão na expectativa de uma atenção nacional que lhes assegure um futuro livre de inquietações e infortúnios".

A presidente da Legião Brasileira de Assistência revelou que a entidade há dois anos vem complementando seu esforço institucional e seu orçamento limitado com a adesão e engajamento do voluntariado brasileiro, através do Pronav/LBA, que brevemente lançará uma campanha nacional para a expansão de sua rede de creches. E que a primeira dama do País, Dulce Figueire-

do, "está ao nosso lado no esforço para dotar o Brasil de mais creches, abrindo espaço à criança carente".

Já a superintendente estadual da LBA, Emília Julianelli, afirmou que uma criança carente física e psicologicamente tem afetado seu crescimento. E acrescentou que "o grande objetivo da LBA, ao lançar a campanha 'uma creche em cada comunidade', é a implantação de uma rede de creches abrangendo todo o País". A presidente da Associação Feminina das Entidades do Comércio (Afec), Maria Stella, disse ser necessário "e urgente encontrarmos o caminho que nos levará à solução dos problemas relacionados à criança e ao ambiente em que ela vive", notando que muitos desses problemas estão nesse pequeno núcleo de vivência que é a creche.

À tarde, o seminário foi reiniciado com palestras de pediatras, debates em plenário e uma síntese dos trabalhos do dia, por Therezinha Fram. Ontem, com início às 9 horas, foi discutido o tema "As diferentes formas de gerenciamento dos recursos financeiros, físicos e materiais" e, a seguir, "Regulamentação e legislação", por Wilson Quintella Filho, da Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo.



Foto José Nascimento

Crianças foram trazidas de uma creche próxima para a inauguração.

Inauguração de creche transformada em comício

O prefeito Reinaldo de Barros inaugurou ontem, ao meio-dia, a creche construída no Jardim Veleiros, em Santo Amaro, em solenidade marcada por intensa mobilização política. Ao chegar, Reinaldo teve sua candidatura a governador em 82 imediatamente lembrada pelo deputado Armando Pinheiro, presidente regional do PDS.

Até as 10h30, o local estava tranquilo, apenas com funcionários da creche, da Administração Regional de Campo Limpo e da Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes). Pouco depois começaram a chegar carros oficiais, trazendo mais servidores públicos, ao mesmo tempo em que uma eficiente funcionária da creche tomava duas providências: colocava-se à entrada do prédio e apelava aos populares para que entrassem para ver a cerimônia e, ao mesmo tempo, determinava que dois veículos fossem à outra creche, no Jardim Suzano, apanhar crianças. Em pouco tempo o local da inauguração ficou repleto, com a presença de um grupo de escoteiros, o Almirante Tamandaré, que participou da solenidade para pedir ao prefeito uma

área para instalar sua sede.

"AO PALÁCIO"

Com a chegada do prefeito e comitiva, a festa começou. Pouco antes, havia descido de um carro oficial uma senhora carregando uma bandeja com uma cafeteira. Reinaldo ouviu inicialmente os elogiosos discursos do vereador Miguel Rizo e do deputado estadual Tufl Jubran. A seguir, o deputado Armando Pinheiro também falou, destacando aspectos do "governo social" desenvolvido pelo prefeito de São Paulo e, ao encerrar, conclamou a todos que conduzam Reinaldo de Barros ao Palácio dos Bandeirantes em 82.

O prefeito discursou no encerramento da cerimônia, afirmando que seu governo "tem sido calcado em uma única filosofia: fazer aquilo que o povo pede". Historiou as obras que realiza, como o asfaltamento e a iluminação de ruas. Citou especificamente Santo Amaro onde, "quando assumi, apenas 33% de suas ruas eram iluminadas e, hoje, concluímos a iluminação em 64% de suas vias públicas".

As mulheres da região de Campo Limpo querem creche

Cerca de 50 mulheres dos bairros dos jardins Olinda, Rebouças, Ipê e outros, na região de Campo Limpo, reuniram-se ontem no Centro Comunitário do Parque Regina para reivindicar, novamente, a construção de creches. Aproveitando a Semana da Criança e o fato da Prefeitura estar comemorando a "semana da creche", as mães levaram seus filhos, que carregavam cartazes, insistindo na reivindicação. "já que não podemos festejar, se as creches não existem".

Há mais de dois anos o Movimento de Luta por Creches vem pedindo a construção de um estabelecimento no parque Regina, sem conseguir, ao menos, indicações concretas de que a reivindicação será atendida. As únicas creches existentes nas imediações, nos jardins Ingá e Catanduva, com capacidade para 120 crianças cada, estão com suas lotações esgotadas, enquanto a lista de espera sobe para mais de 300 crianças. Além disso, elas não poderão receber os 120 menores, como constava da programação, já que o projeto mostrou-se, na prática inadequado para este número.

TERRENO

Josefa dos Reis, uma das integrantes do Movimento, diz que os moradores já indicaram, inclusive, um terreno onde a creche do Parque Regina poderá ser erguida. Mas a Prefeitura limita-se, apenas, a dizer que vai estudar o pedido. Segundo Josefa, a situação vai se tornando cada vez mais dramática, pois a crise econômica vem obrigando um número maior de mulheres a procurar serviço fora de casa, sem no entanto, ter com quem deixar as crianças. Nem mesmo um abaixo-assinado, com aproximadamente quatro mil nomes, enviado em julho à Coordenadoria do Bem-Estar Social teve resultado positivo.

"A creche é uma necessidade fundamental", disse Josefa. "Irá, inclusive, atender às mães que moram nas inúmeras favelas existentes na região, que acabam deixando as crianças trancadas nos barracos enquanto saem para trabalhar, porque não têm onde deixá-las. O problema é que, enquanto nada se resolve, o número de crianças a serem atendidas vai aumentando. A construção de uma só creche no bairro não irá atender às necessidades. Só no jardim Ingá, existem mais de 300 esperando uma vaga. Nós estamos, apenas, exigindo um direito nosso".

EXEMPLOS

Marilena Oliveira Santana é uma das mães que logo irá enfrentar o problema da falta de creches, pois trabalha como montadora e não tem com quem deixar sua filha de um mês no momento em que perminar sua licença. Dagmar Moraes também não pode trabalhar fora, porque não pode abandonar seus gêmeos. E ela está disposta a conseguir qualquer emprego, "até mesmo de doméstica", já que seu marido está sem trabalho.

As mulheres do Movimento de Luta por Creches vão ainda mais longe. Além de exigirem a construção de novos estabelecimentos, querem que os que se encontram em funcionamento sejam melhorados. Segundo elas, as crianças da creche do Jardim Ingá estão adoecendo porque os colchões onde dormem são colocados diretamente no chão de cimento, absorvendo muita umidade, o número de funcionários é insuficiente, o projeto foi mal feito, impedindo um bom atendimento, e a Prefeitura não fornece material para recreação das crianças. Estas denúncias foram confirmadas por mães de menores que estão sendo atendidos no Jardim Ingá.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FOLHA DE SP*
Data *18/10/81*
Pág. *—*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

Seminário analisará a gerência de creches

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) promoverão, de amanhã até o dia 16, um seminário para administradores de creches, com o objetivo de propiciar o intercâmbio de experiências desenvolvidas em creches públicas, de entidades sociais, particulares e de empresas". *F/SP 18/10/81*

O programa constará de conferências, seguidas de debates, painéis de comunicações de experiências e reuniões em grupo. Os trabalhos começarão às 10 horas do dia 14, com o tema "a dimensão sócio-educativa das creches e estratégias de administração", pela educadora Maria Inês Cavaliere Tinoco Cabral.

OUTROS

Outros temas a serem abordados são: as diferentes formas de gerenciamento dos recursos financeiros, físicos e materiais; regulamentação e legislação; administração e desenvolvimento dos recursos humanos e "recursos humanos, cargos e funções". No encerramento, serão analisados os "recursos humanos voluntários e da comunidade".

Arte e mulher F/81

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

Está marcado para amanhã, às 20 horas, a inauguração da Casa da Mulher (rua Almirante Marques Leão, 807 — travessa da alameda Ribeirão Preto), com dois eventos: debate para o qual foram convidados Mário Schenberg, Aracy Amaral, Anésia Pacheco e Chaves, Mira Schendel e Sheila Leirner; exposição de obras das artistas Mary Dritchel, Ely Bueno, Lourdes Cedran, Joseli de Oliveira, Amélia Toledo e Ana Maria Malolino. O coquetel comemorativo de abertura da Casa da Mulher e da exposição será na noite do próximo dia 26.

Não creio em discriminação nas entidades, associações ou agrupamentos de mulheres em defesa de seus interesses, sejam eles quais forem. No fim, toda conquista da mulher acaba revertendo também em favor do homem.

Creio, sim, na submissão que foi imposta à mulher no correr de toda a história da humanidade. Os exemplos estão aí, desde Adão e Eva (a mulher nasceu do homem, a quem deve obediência), passando pelos Mandamentos da Lei de Deus (proibido cobiçar a mulher do próximo) até chegar a nossos dias, quando o homem continua no domínio absoluto da situação, até matando impunemente a própria mulher, em nome do seu machismo com profundas raízes nos séculos. Tudo é pensado e feito em função do homem: as leis, os códigos, os direitos e deveres. Até para generalizar, o fazemos no masculino.

E no campo das artes? Anésia Pacheco e Chaves fala da "cultura masculina" versus mulher e diz quem é o discriminado:

"Existe um discurso competente em arte, assim como na cultura em geral, incluindo nesta os costumes sexuais, afetivos e, enfim, toda a vida em sociedade.

O que é este discurso competente?

Anésia diz que a resposta é complexa já que este discurso competente não é apenas aquele dos atuais detentores do poder, mas o que foi se organizando em séculos e séculos, de uma cultura oficial e oficializada, sempre determinada pelas classes dominantes, embora sempre tenham existido outras formas culturais não consagradas pelo "establishment". "Isto, em arte, resulta, não apenas, no fato das Instituições (Bienais, salões, galerias, comércio de arte etc.) estarem nas mãos dessas classes dominantes, mas ainda no fato de serem estas classes que configuram os critérios de avaliação da produção artística e determinam seus modos de ser. É considerado "bom de arte" quem se adequa a estes critérios e a esses modos de ser. Concede-se generosamente um lugar de "pi-

toresco" aos outros, chamados ingênuos, arte popular, expressão feminina etc. Esta 16.ª Bienal tem uma sessão de "arte incomum", seja lá o que isto quer dizer.

"Qual o lugar da mulher nesta história? Como até hoje, embora tenha aumentado, consideravelmente, o número de mulheres produtoras de arte ainda é pequeno; elas são, muitas vezes, individualmente aceitas, ou porque abandonaram o que seria uma expressão feminina, adotando valores estabelecidos pela cultura masculina (sendo esta, a cultura masculina, um dos aspectos, não o único é óbvio, da dominação), ou continuando, porque as características femininas, expressadas em sua arte não são consideradas importantes ao ponto de incomodarem a arte e de um modo geral, a cultura institucionalizada, podendo, portanto serem vistas com benevolência.

"Aí vem outra pergunta: existe uma arte feminina? Já que a sociedade compele ao assumir papéis sexuais no existir cotidiano e que a arte é feita a partir da experiência existencial (em qualquer nível: conceitual, afetivo, sexual, econômico etc. etc.), fatalmente, a mulher, com uma experiência existencial própria e ocupando na sociedade um lugar próprio, terá uma expressão artística com características próprias. Talvez, num mundo futuro, em que o sonho de androginia social, tenha se tornado realidade, isto não aconteça. Não é o caso de nossos tempos.

"As características atribuídas historicamente à mulher — prossegue Anésia — e que não interessavam e não interessam a uma cultura que se desenvolveu e se desenvolve num sentido pragmático e racionalista ("deal and not ideal" — dizem os americanos) e o tipo de criação artística que resulta disso, são consideradas menores pelo sistema arte.

"Um artista me contou que, ao fazer uma exposição no Rio de Janeiro, ouviu de um crítico que, embora seu trabalho fosse interessante, não poderia ser considerado "arte-maior", já que predominantemente referencial. Ora, que arte não o é? O que faz que o referencial do existir feminino seja considerado "menor"?

"Um espaço para exposição e discussão do trabalho artístico da mulher visa trabalhar essas questões que não são de fácil solução. A galeria mista confrontaria, em termos de eventual qualidade, com os dados marcados, já que o critério de valor, como vimos — conclui Anésia — está estabelecido pela "Cultura" (com "malúscula" e entre aspas). Não é o que pretendemos."

3/10/81 No Brasil, o próximo p 54 congresso da Insea

Ana Mae Barbosa, professora da ECA-USP (Escola de Comunicação e Arte), acaba de regressar de uma viagem a Rotterdam, na Holanda, onde participou do congresso da INSEA (International Society of Education Through Art) e de uma série de conferências em países africanos.

Como se sabe, a INSEA foi fundada por "sir" Herbert Read "com a esperança — diz Ana Mae — de pavimentar de paz o mundo com a força organizadora da Arte, posta ao alcance de todos, através da Educação".

Os congressos mundiais da INSEA acontecem a cada 3 anos. A última vez que a Holanda abrigou um Congresso da INSEA foi em 1957. Ab Melink, "chairman" do congresso de 1981, fez uma análise comparativa das expectativas deste Congresso e daquele de 1957, chamando a atenção para um ponto crucial que, em última análise, reflete a mudança de diretrizes na Arte-Educação. Segundo ele — observa Ana Mae — em 57 uma atmosfera de exaltada esperança no futuro da arte dentro do sistema escolar envolveu aquela reunião de arte-educadores, enquanto que a expectativa deste encontro de 1981, foi desde o seu projeto, formular uma análise crítica das realizações e possibilidades exequíveis da Arte-Educação nos tempos contemporâneos.

Idealismo versus realismo parece ser, na análise de Melink, o núcleo da diferença de posturas.

"Pelos depoimentos que ouvi acerca do Congresso de 1957 — prossegue Ana Mae — e pela minha observação participante neste de 1981 pude detectar outro ponto de diversificação entre os dois. Em 57 a grande preocupação foi estabelecer as semelhanças e as comunicações da Arte-Educação entre os diferentes países. Desta vez predominou a busca pelo estabelecimento das diferenças culturais, a ênfase no respeito a estas diferenças e a afirmação das possibilidades de entendimento, comunicação e co-participação internacionais tendo como ponto de apoio as diferenças.

"A atitude de Elliot Eisner, arte-educador norte americano, ao ser convidado para dar um curso no Brasil, me parece bem ilustrativa desta posição de tomar como ponto de partida as diferenças e respeitá-las.

"Se aceitar, disse ele, terei que passar algum tempo antes do curso, visitando escolas, para ver o que significa Arte-Educação no Brasil.

"Seu receio de vir despejar inadequações e plantar impossibilidades em nossas cabeças é originado no respeito às especificidades e às idiossincrasias contextuais.

"A mesma desconfiança na invariabilidade dos universais me assaltou recentemente. Tive oportunidade de me esquivar de dar uma palestra para a qual havia sido convidada na Guiné-Bissau porque tive a certeza de não ter nada a dizer àquela gente que tem de arte um conceito operacional, cotidianizado, de coisa posta em uso, o qual conheço apenas teoricamente e não teria tempo de conhecer através da experiência.



Ana Mae Barbosa: "é possível uma forma de educação apolítica?".

"O que eu fosse dizer, na melhor das hipóteses, seria inútil e ainda correria o risco de se tornar um discurso invasivo ou bobo.

Esta timidez dogmática frente a sociedades e culturas diferentes dominou o Congresso da INSEA de 1981.

As receitas genéricas para o fortalecimento da Arte-Educação no mundo parecem estar fora de moda. Em compensação uma agressiva e generalizada reivindicação de mais criticismo a respeito de metodologia e ideologia prevaleceu.

"A Idéla — lembra ainda Ana Mae Barbosa — de que o ensino da Arte na escola formal secundária ou universitária está permeado pelos princípios políticos e ideológicos que norteiam implicita ou explicitamente o sistema educacional, foi uma premissa aceita sem divergências. Também não foi questionada a Idéla de que os métodos de ensino e os processos de avaliação da aprendizagem da arte constituem veículos de transmissão e consolidação da ideologia que domina o sistema. A grande questão foi: como questionar, aceitar ou rejeitar esta ideologia?

A discussão a este respeito começou na "Pré-Conferência sobre Pesquisa", dois dias de reuniões anteriores ao Congresso propriamente dito. Sessenta pesquisadores em Arte-Educação foram especialmente convidados para confrontar três temas: Ideologia, Ensino (currículo, metodologia) e Avaliação durante esta Pré-Conferência. Não se limitaram a arrolar as pesquisas existentes nestes campos mas se orientaram principalmente no sentido de:

1 — Questionar a divisão entre pesquisa básica e pesquisa aplicada em Arte-Educação

2 — Discutir a significação das pesquisas para o desenvolvimento teórico-prático da Arte-Educação.

3 — Determinar os caminhos que precisariam seguir estas pesquisas para atender às necessidades e aclarar alguns questionamentos nucleares da área.

Observa Ana Mae que os debates sobre ideologia na Arte-Educação foram muito acalorados, principalmente entre os participantes dos Estados Unidos, da Alemanha Ocidental e da Holanda, a começar pela própria conceituação de ideologia que é em si mesma ideológica.

"Os norte-americanos, em sua maioria, sustentaram um conceito positivo de Ideologia, significando conjunto de idéias ou ligação entre crença e ação ou ainda visão do universo associada com o poder

político e econômico que não é necessariamente negativa.

"Já os alemães e holandeses partiram de conceitos pejorativos de ideologia tais como dominação da consciência, submissão a valores impostos pelas instituições sociais, pensamento falso ou abstrato, doutrinação política, social, comportamental etc, enfim visão da realidade camuflada ou de cabeça para baixo a fim de facilitar a dominação.

"As diversas maneiras como as ideologias se manifestam no ensino da Arte foram analisadas a começar pela visão dos professores de Arte que se imaginam 'managers' de uma objetividade Olímpica, livre da inculcação de crenças políticas (Vicent Lanier) chegando-se até a considerar a acusação de que a própria ênfase em Educação Estética é uma nova ideologia.

As múltiplas variáveis reativas contra esta situação, tais como, integracionismo, separatismo ou pluralismo (Collins) foram discutidas como soluções alternativas não só na Pré-Conferência mas também no Congresso com seus 800 participantes.

"O inter-relacionamento das discussões da Pré-Conferência com as do Congresso foi muito bem planejado, permitindo que os professores tomassem conhecimento das múltiplas interpretações feitas pelos pesquisadores acerca de sua prática.

"Esta interpenetração da Pré-Conferência com o Congresso garantiu a qualidade científica ao Congresso e a democratização quantitativa da Pré-Conferência cujos resultados foram estendidos e comunicados a todos os participantes do Congresso possibilitando uma ação multiplicadora dos pesquisadores.

O Congresso foi aberto por Ivan Illich. Paulo Freire havia sido convidado para dar a conferência inicial mas não pode aceitar. Ana Mae diz que Illich foi extremamente provocador, sugerindo uma arte-educação embebida no social e na tarefa de propiciar o desenvolvimento de competências igualitárias entre homens e mulheres. "Analisou o livro de resumos das comunicações do Congresso e escolheu a minha, 'O Produto como Consciência do Processo' para concordar, e a grande conferência do dia seguinte 'Alfabetização Estética como Produto da Arte-Educação' para discordar. A propaganda de Illich valeu grande público para minha palestra."

As teses mais discutidas foram as que advogavam o relacionamento da Arte com Comunicação e especialmente com a comunicação das bases, com a prática coletiva dos grupos de emancipação.

"Em resumo, o tema do Congresso, 'Arte na Educação: Processo e Produto', foi enfocado prioritariamente do ponto de vista político e ideológico. Na realidade o tema se transformou em subtema.

"O tema efetivo e dinâmico que perspassou as mais discutidas conferências e comunicações foi o que Diethart Kerbs (Alemanha Oriental) chamou de mudança de uma percepção alienada para uma percepção da alienação."

O próximo Congresso Mundial da Insea será no Brasil, em 1984.

Ana Mae diz que o tema não foi escolhido porque a nós compete esta determinação. "O Conselho da entidade insiste na necessidade de se continuar a realizar a Pré-Conferência sobre Pesquisa e a pedido dos organizadores deste ano comecei junto com eles a trabalhar no planejamento.

"Numa reunião ampla, aberta a todos os interessados, durante o Congresso, concluímos que deve se dar continuidade e aprofundamento à temática abordada este ano. Em princípio ficaram determinados quatro temas para que escolhemos três: Arte-Educação e Cognição; Historiografia da Arte-Educação; Arte-Educação frente à Cultura Popular e à Cultura Vernacular; Arte-Educação e Ação Política.

"Naquele momento não pensei nas possíveis dificuldades que encontraria a discussão deste último tema no Brasil, mas agora imagino que ele será excluído.

"Curiosamente, chegando de Rotterdam, compareci a um encontro sobre ensino de Arte organizado por uma agência governamental do Brasil, para pessoas especialmente convidadas, a maioria responsável pelo ensino de Música e Artes Plásticas em Universidades de diversos Estados brasileiros.

"A simples menção de uma evidência histórica de conotações política, o sistema de dependência cultural ao qual tem estado submetido o nosso ensino da Arte, fez de mim uma inimiga pública. Ainda se acredita no Brasil que é possível uma forma de educação apolítica, de mãos lavadas. Acredita-se ou se quer fazer os outros acreditarem? Esbarramos novamente com os sombreios da ideologia" — conclui Ana Mae Barbosa.

Mães do Novo Osasco inauguram creche

OSP. 16a 22/10/81 p8 6

Margarida Nepomuceno

Apesar da fria garoa que caía na tarde do último dia 12 — Dia da Criança o Jardim Novo Osasco estava em festa. Cerca de 250 pessoas, a maioria crianças lotaram a rua Aparecida I. Munhoz para participarem de gincanas e brincadeiras variadas, organizadas para comemorar a inauguração da primeira creche comunitária do bairro.

Foram dois anos de esforços e dedicação, para conseguir a creche. Tempo suficiente para as mães perceberem que se ficassem esperando a prefeitura doar o terreno que havia prometido para construção da creche, esse melhoramento nunca seria entregue à população. E assim, a Associação das Mães Unidas do Novo Osasco, entidade que esteve à frente dessa luta, arregaçou as mangas e junto à população do bairro, partiu para a instalação da creche.

A casa é alugada. Ampla, com um bom quintal e deverá atender cerca de 40 crianças do bairro. Os móveis, confeccionados pelos moradores, são simples: mesas, bancos e armário de mantimentos e os berços foram conseguidos através de uma campanha que ainda está sendo desenvolvida para arrecadação de fundos



foto Laurita Salles

"NÃO CAIU NADA DO CÉU"

Durante a inauguração, Dona Nega, uma das organizadoras, não escondia seu entusiasmo: entre uma explicação e outra, dada às mães que queriam saber sobre as matrículas, falou dos bazares e quermesses realizados para levantar fundos. "A luta foi dura desde o começo. As coisas não caíram do céu para nós. Desde o micro-ônibus, continuou, para levar os moradores até a prefeitura — há dois anos atrás — até os dias de hoje, tudo foi conseguido com o esforço dos moradores. Muitos tiraram até dinheiro do bolso para nos ajudar. Ainda fal-

ta muita coisa mas com a nossa dedicação vamos deixar a creche um brinco".

As funcionárias, mães do próprio bairro, também estavam entusiasmadas: semanas atrás, tiveram, com uma médica e psicóloga, um curso de preparação sobre saúde e educação das crianças e Cida Menezes, uma delas, não vê a hora da creche começar a funcionar. Acha que vai se dar bem nessa nova atividade pois gosta de criança e já é mãe de dois filhos, o que facilitará seu trabalho.

DOCUMENTO

Enquanto o grupo Acorde — da Vila dos Artistas — animava a

criança com suas músicas, as mães distribuíam entre os presentes o seguinte documento:

"A Creche das Mães Unidas surgiu com a luta das mães do bairro que não querem suas crianças abandonadas enquanto trabalham. Então há dois anos iniciaram essa luta entregando um abaixo-assinado de 1.500 pessoas ao prefeito. E esses dois anos foram de luta pois a prefeitura ficou devendo um terreno baldio, onde pudéssemos instalar uma modesta creche, já que não havia verba para eles construírem uma para o bairro".

"E nada conseguimos, continua o do-

cumento. Essa poderia levar anos para sair e então, precisamos outra saída. A ajuda dos moradores e do PMDB é que tirou de hoje as duas creches em Osasco: a da Parquinho e a da "U", localizada na Avenida Valter que está sendo construída.

"Temos muitas dificuldades e muitas dificuldades pela frente mas conseguimos que a um grupo de pessoas, desse bairro, na luta de um direito realizado

(...) E também exemplos porque do nosso crescimento, nossas crianças crescerão felizes, ter escoteiros, ter comida, ter os direitos humanos, ter o direito de ser humano", finaliza o documento.

A creche da Dona Nega funcionará em nome da Dona Nega e a da favela da Cida Munhoz ainda data prevista para o próximo mês de outubro. Segundo seu Pedro, a creche vai ter um dos carros que está a ser construído para a favela, só estão faltando as telhas.

Para aqueles que quiserem colaborar, doando berços, colchões, mantimentos, utensílios de cozinha, qualidade o endereço é Rua Aparecida I, nº 8, Jardim Novo Osasco.

Prefeito ameaça demitir o coordenador da Cobes

A diretora da Creche Municipal do Jardim Monte Alegre, na Freguesia do Ó Eliane Moreira, deverá ser exonerada do cargo nos próximos dias por ordem do prefeito Reynaldo de Barros, que ontem, numa visita de surpresa, constatou que a creche, apesar de inaugurada em junho deste ano, continua fechada. Irritado com a situação, Reynaldo de Barros fez uma ameaça, inclusive ao coordenador do Bem-Estar Social: "Se dentro de uma semana não houver, aqui dentro, 120 crianças, está todo mundo demitido, até mesmo o coordenador".

ESP. 22/10/81
A diretora tentou explicar ao prefeito que a creche não tinha entrado em funcionamento por causa de algumas rachaduras nas paredes e da umidade em várias salas, e que já havia pedido providências à Coordenadoria do Bem-Estar Social e ao Departamento de Edificações da Secretaria de Serviços e Obras. Mas isso não convenceu o prefeito que, depois de visitar pessoalmente todas as instalações, fixou o prazo de uma semana para que as crianças (exis-

tem 480 inscritas) estejam recebendo atendimento adequado na creche. Antes de deixar o local, Reynaldo manteve contato através do rádio com o secretário de Obras, Paulo Gomes Machado, e o coordenador de Cobes, Wilson Quintela Filho, marcando uma reunião em seu gabinete: "Vou exigir esclarecimentos sobre o que está acontecendo de errado nesta creche".

A visita não constava do programa do prefeito, que foi à Freguesia do Ó inspecionar as obras de canalização do córrego do Congo. Ali, foi abordado aos gritos por Nêris da Silva Campos, que acusava a Prefeitura de ter construído uma casa para um funcionário numa área da rua João de Luana, antes ocupada como local de lazer pelas crianças do bairro: "Não adianta só vir na época de eleições — disse Nêris — pois se a Prefeitura tem o direito de construir casas para seus funcionários em áreas públicas, nós também temos o direito de invadi-las". Após ouvir a reclamação, Reynaldo de Barros determinou aos seus assessores que o fato fosse apurado.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O Est. São Paulo
Data: 25/10/81
Pág. 29

Pasta n.º
N.º do recorte.....

**Creche nova
em reforma**

EST. SP 25/10/81
Desinformado sobre a verdadeira situação em que se encontra a Creche Municipal do Jardim Monte Alegre, na Freguesia do Ó, o prefeito Reynaldo de Barros quase demitiu vários funcionários da Coordenadoria do Bem-Estar. Ele não sabia que a creche inaugurada em julho ainda não estava funcionando, porque teve de ser reformada depois que ficou constatado que algumas salas absorviam umidade.

Alertado por funcionários da creche de que não havia condições de atender as crianças no prédio, o coordenador do Bem-Estar Social, Wilson Quintela Filho, determinou a reforma. A cargo da Secretaria de Obras, recomendando que fossem trocadas também as bancadas da cozinha, pois, segundo ele, foram usados materiais fora de especificação, além da necessidade de reparos em algumas instalações elétricas e no encanamento. Quanto ao problema da umidade, foi preciso implantar um sistema de drenagem, por causa de irregularidades no terreno, que impediam a total absorção da água.

A CRIANÇA E OS DIREITOS HUMANOS

239-29/10/81

Luís Henrique Xavier
e Ronaldo Spagnuolo

Vivendo em sociedade, o homem sempre teve uma finalidade a atingir. Esta finalidade é a realização de seus ideais e a plena satisfação do desenvolvimento de sua personalidade. Isto é motivo de FELICIDADE!

Para atingir esta meta, todo ser humano necessita de fatores que possibilitem e favoreçam a consecução destes objetivos. Um ponto fundamental para atingir tal meta é a "ordem social". Sendo as pessoas dotadas de características diferentes, tais como anseios, pensamentos, formas de vida, etc... necessita de algum órgão pará regular a sua convivência, transformando as desigualdades em ponto sintético comum a todos.

Esta ordem é buscada há milênios; já os sumerianos a buscavam, assim como nós, nos dias atuais, também a buscamos. As formas pelas quais isto é feito, são as mais variadas possíveis, principalmente se levarmos em conta que o direito deve ser um reflexo dos modos de relacionamentos

sociais. Assim, nas diferentes sociedades, as mais diferentes normas jurídicas são aplicadas. Porém, embora as relações sociais variem no tempo e no espaço, o homem sempre tem, esteja onde estiver, individualmente, um objetivo comum a atingir: é o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade, que considera pressupostos essenciais para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Estes ideais, que nortearam a Revolução Francesa no ano de 1789, continuam vivos, sendo que após a 2.ª Grande Guerra, tornaram-se tão vivos a ponto de 58 nações se reunirem e aprovarem por unanimidade, a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM. Esta procura favorecer o homem para o pleno desenvolvimento de suas capacidades, onde quer que esteja.

Realizada a sua aprovação, tem ela sido cumprida? Olhando para um jornal de qualquer dia, mês ou ano, eu responderia seguramente que não, pois não se conhece país onde tal Declaração ainda não foi violada.

Por que isto ocorre? Não será o ho-

mem capaz de cumprir algo que ele próprio planejou? Acredito que sim, pois acredito bastante no espírito de humanidade que há em cada um de nós. Mas, o que acontece, então?

É claro, que não há apenas uma razão, mas muitas razões. Seria utopia dizer que os homens devem parar de matar uns aos outros, devem parar de roubar, etc... pois tudo isto já foi dito um dia. Acredito que o mais racional seria dizer que o ser humano necessita de condições para viver, pois sem elas, todas as suas aspirações se frustrarão. É difícil pegarmos um trem andando, também é difícil corrigir um erro, quando o pegamos pela metade. Mas, por outro lado, é fácil pegar o trem parado e fácil corrigir um erro no início. Daí — considerar aquele dito popular que nos ensina a "cortar o mal pela raiz". E, qual o mal? Diria que é a injustiça, manifesta pelas condições sub-humanas em que muitos se encontram. E a raiz? É a infância.

Sim, os Direitos do Homem nascem como o nosso nascimento; mas só existem na imaginação porque, desde

a concepção, as condições das crianças são diferentes.

Sou partidário de Machado de Assis, quando diz ser "a criança o pal do homem". Se o indivíduo tem uma infância cercada de fatores que favoreçam o desenvolvimento de suas qualidades, certamente sua adolescência e maturidade terão muito mais possibilidades de se concretizarem positivamente que uma criança ladeada por problemas dos mais diversos que nada favorecem a consecução de sua felicidade.

Destarte, acredito que os Direitos Humanos possam ser observados e respeitados, mas, para isto, é necessário começar pelas bases, para que todos realmente possam "compreender" o que são os Direitos Humanos.

O artigo 1.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, preconiza que todos nascem livres e iguais em dignidade e direitos." Que busquem o nascimento a partir do Ano Internacional da Criança, para que um dia o artigo 1.º possa dizer: Todos vivem livres e iguais em dignidade e direitos.

A MULHER E A FAMÍLIA (III)

Pe. Beni dos Santos

O Documento de Puebla se refere, com palavras claras, à marginalização da mulher, na América Latina, não só na vida econômica, política e cultural, mas também na Igreja, sendo que a mulher popular vive numa condição duplamente oprimida: enquanto membro de uma classe e categoria de sexo.

No Brasil, de modo especial, a expressão da mulher esteve sempre ligada a uma tradição de subordinação ao homem. Essa tradição se formou no tempo da colonização, principalmente no tempo da escravidão senhorial. A mulher não é considerada na sua alteridade, isto é, como ou-

tro sexualmente distinto, mas como alguém que simplesmente se coloca diante do homem e em função dele.

O capitalismo, por sua vez, tem se servido da posição tradicional da mulher para fazer dela um **exército de reserva**, numeroso e barato, de que pode fazer uso em determinados períodos.

O caráter subsidiário do trabalho feminino traz, para a mulher, diversas consequências negativas: dependência econômica, casamento como seu destino único, preparação para o matrimônio e não para a qualificação profissional, aceitação de salários inferiores aos do homem pelos mesmos serviços prestados. Assim, a mulher permanece uma dependente tan-

to na família quanto na sociedade em geral. Permanece numa situação de insegurança.

De outro lado, a socialização da mulher, na família, prepara-se para o desempenho do papel que se espera dela na sociedade. O homem é preparado para mandar; a mulher, para obedecer. O homem, para a atividade, a mulher, para a passividade. A própria menina, no seio da família, vendo que esse é sempre o papel da mulher com relação ao homem, acaba incorporando, em sua personalidade, a atitude passiva como sendo própria da natureza feminina.

É necessário, pois, que a mulher, sobretudo no processo de socialização dos filhos no seio da família, exer-

ça uma vigilância ideológica para não transmitir a ideologia machista em que o ser do homem aparece ligado ao poder, à propriedade, enquanto o ser da mulher é definido em termos da subalternidade. Nesse sentido, a própria realidade da família precisa mudar. O ideal da família, principalmente cristã, não pode ser a felicidade privada dentro de uma sociedade injusta. A família voltada para si mesma, para o seu conforto, para o luxo, jamais poderá oferecer um contexto libertador da mulher. Não devemos nos esquecer, porém, de que a libertação da mulher implica a construção de uma nova sociedade mais igualitária e fraterna, baseada no ser e não no ter e aberta ao Transcendente.

OSP. 230 29/10/81

Journal: C. S. P. / H. L. C.
Data: 29/10/81

Pág. 1

Parta n.º
N.º do recorte

CRECHES E EMPRESAS:

É possível a fiscalização

CSP 23a 19/10/81 p. 4

É possível exigir o cumprimento do artigo 389 da CLT, que obriga as empresas, com mais de 30 funcionárias maiores de 16 anos, a manter creches para os filhos das trabalhadoras. Esta legislação tem sido desrespeitada desde 1943, quando foi promulgada, sem que nenhuma iniciativa de fiscalização mais intensa e consequentes punições, tenha se verificado. As mães reclamam dos convênios que algumas empresas mantêm (muito longe da casa ou da própria empresa, ou então a reserva de vagas "fantasmas" para mais de que uma criança) e da própria fiscalização, que na maior parte das vezes não se dá, ou quando ocorre, as multas são tão irrisórias (perto de Cr\$. 1.000,00), que as empresas preferem ser multadas a manter as creches.

No entanto, a Delegacia Regional do Trabalho de Santa Catarina tomou uma iniciativa em 1979, que pode abrir caminho para outros procedimentos semelhantes, caso as mães se conscientizem de pressionar esses órgãos a desenvolver o

papel que lhes é cabido. Através de sua seção de Proteção ao Menor e à Mulher, a DRT de Santa Catarina iniciou uma pesquisa, em 1979, para listar todas as empresas daquele Estado que se enquadravam dentro da lei. Das 50.927 empresas, 593 teriam obrigatoriamente de manter creches para os filhos de suas funcionárias. No entanto, para se ter uma idéia da gravidade do problema, em Florianópolis, onde grande parte das empresas catarinenses se concentram, existiam apenas três empresas que cumpriam as determinações legais, na ocasião da pesquisa.

Segundo as informações de Sonia Tomé, chefe da Seção, dadas no 1.º Encontro Nacional de Creches, em São Paulo, a DRT prosseguiu seu trabalho com a notificação das empresas sobre a necessidade do cumprimento da legislação. Paralelamente a isso, foram feitas palestras, divulgadas também pela imprensa, o que contribuiu para a conscientização das mães sobre seus direitos. A partir daí, as empresas tiveram de se registrar no

controle da DRT, o que permite uma fiscalização da continuidade do serviço às funcionárias, bem como se os horários de atendimento das creches correspondem aos das mães e sobre o número de convênios firmados.

De acordo com as informações da DRT, são 196 as empresas que agora estão cumprindo a legalização. Paralelamente a este levantamento, a DRT também pesquisou convênios empresa/creches, em Florianópolis, constatando um índice de 65,9% de uso das vagas. Isto é, cerca de 34% das vagas oferecidas não eram usadas. A DRT resolveu novamente pesquisar o motivo deste procedimento, através de uma amostragem de 46 mães com filhos até um ano de idade, e que trabalhavam em empresas que mantinham convênios.

A maioria das mães incluídas na pesquisa sabia dos convênios e ganhava até um salário mínimo, por mês. Os principais motivos para o não uso da creche, citados por elas, foram: tem quem cuide a contento (principalmente aquelas que trabalham

em limpeza, entre 18 e 22h00 pois no caso, familiares cuidam das crianças); creches distantes do local da residência ou do trabalho; e dificuldade de transporte das crianças nos ônibus sempre lotados.

Das 46 mães, 31 deixam seus filhos com parentes; 12 com empregada (as que tem melhor salário); uma com a vizinha; uma sozinho e uma em creche assistencial não conveniada. Diante das constatações, a DRT concluiu que a não utilização das vagas nas creches se dá por causa de dificuldades e não porque elas são instituições desnecessárias: que a localização da creche deve ser estudada, e que as mães têm muita dificuldade quanto ao transporte para a creche e fornecimento de roupa e alimentação. "É necessário um esforço no sentido de melhorar a divulgação dos serviços de creches colocados à disposição das empregadas, principalmente por ser uma solução recente, além da conscientização de que é um direito assegurado à empregada pela legislação trabalhista", diz a conclusão do documento.



A creche acolhe os filhos das famílias carentes.

Lauzane conquista e mantém creche com esforço comum

O pequeno número de creches funcionando atualmente em bairros periféricos de São Paulo, em proporção ao número e necessidades de seus habitantes, tem provocado a imediata reação de diversas comunidades, principalmente aquelas ligadas à Igreja. Elas estão construindo e mantendo, com seus próprios recursos, diversas unidades destinadas a crianças de zero a seis anos de idade que, na maioria dos casos, recebem uma pequena verba anual da Prefeitura Municipal, e que acabam substituindo as creches que deveriam ser construídas pelo poder público.

No bairro de Lauzane Paulista, o entusiasmo e esforço de um jovem sacerdote italiano, padre Tommaso Leporale, residente no

Brasil desde 1972, tem despertado a iniciativa dos moradores da paróquia de Santa Inês desde quando assumiu o cargo em 1974 e passou a dar "destinação social" aos terrenos da Igreja. Ele confessa que quando veio para o Brasil não esperava encontrar "a situação de pobreza na qual vive uma grande parcela da população, pois a imagem que tínhamos do País no Exterior era a de uma terra de jovens, progressista e de futuro". Mal assumindo as funções de pároco, passou a enumerar uma série de necessidades, "prioritárias para o bairro", e que passaram a ser discutidas com os poucos moradores que frequentavam, na ocasião, a

Para lembrar

"Não é só o índio que está necessitando de ajuda. Quanta gente em São Paulo está precisando de emprego? Todos devemos lutar juntos."

Mário Juruna,
cacique Xavante
"Folha", 13.10.81



Brincadeiras, em segurança.

Sete anos à frente da paróquia, padre Tommaso expõe, orgulhoso, as conquistas dos moradores: construção de uma creche, que abriga atualmente 85 crianças, de dois a seis anos de idade, já que o bairro conta com outra creche, da Prefeitura, que recebe crianças de zero a dois anos; uma escola, em edifício próprio, para crianças até 14 anos; associações de idosos e alcoólatras; clube de mães; uma farmácia, que distribui remédios gratuitos e é atendida por um médico da região; uma Comunidade Eclesial de Base, que inaugura proximamente sua sede própria, construída também com recursos dos moradores; e serviços gerais de advocacia para questões trabalhistas e de moradia, que é oferecido gratuitamente, todos os sábados, por um advogado residente na paróquia.

Esta obra, segundo explica o sacerdote, contou apenas com a ajuda da população, "que organizou festas em casas de famílias durante anos, rifas, bazares, quermesses e bingos", mas que também recebeu colaboração de comerciantes e moradores mais abastados, "que nos enviam sempre alimentos para os escolares ou doações".

Mas padre Tommaso, no pouco tempo que lhe resta diariamente para cuidar de sua casa, já que todas as tardes presta ainda serviços no Hospital do Mandaqui, ressenete-se de uma maior participação da comunidade: "Ainda não consegui fazer com que a administração da creche e dos demais serviços prestados fique a cargo da própria comunidade. Acho que os moradores têm consciência da enorme responsabilidade que teriam de enfrentar caso assumissem a administração das obras. Mas espero ver, um dia, esta compreensão e este desejo de assumir responsabilidades."

CRECHE

A creche é o centro das atenções da comunidade, já que acolhe os filhos das famílias mais carentes da região — constituída basicamente de favelados, imigrantes, trabalhadores da construção civil ou subempregados. A unidade segue, rigorosamente, as normas estabelecidas pela Coordenadoria do Bem Estar Social (Cobes), transformando-se com este cuidado em creches melhor aparelhadas na construção que as unidades mantidas pela Prefeitura: todas as paredes são forradas com placas impermeáveis, assim como os colchões das crianças são cobertos com material resistente, para evitar a propagação da umidade; o chão é de lajotas enceradas; os móveis revestidos de fórmica; cozinha e

banheiro o teto, além de contar com fogões semi-industriais, geladeiras e dispensa.

As 85 crianças atendidas atualmente pela creche são cuidadas por quatro pajens, duas senhoras responsáveis pela limpeza, uma cozinheira e uma diretora, que recebem salários mensais, com a ajuda da verba de 190 mil cruzeiros por mês, destinada pela Cobes. No entanto, 12 auxiliares prestam serviços todas as tardes, voluntariamente. As crianças recebem diariamente quatro refeições (café da manhã, almoço, merenda e janta). A paróquia recebe, todas as semanas, verduras e frutas enviadas por duas famílias italianas, que têm sítios nas redondezas da cidade, "e conta também com a ajuda de cerealistas da rua Santa Rosa, que nos vendem os produtos a preço de custo", diz padre Tommaso.

Vivendo praticamente de doações, a creche da paróquia de Santa Inês, que recebeu o nome de "João Paulo 2.º", em homenagem à visita do Papa ao Brasil, amplia agora suas dependências. "Os pedidos são tantos, cerca de 120 crianças estão na fila de espera, que o jeito foi construir mais uma unidade, com mais dois dormitórios, quatro salas para enfermaria, recreação e aulas", explica padre Tommaso. Para isto, ele e seus colaboradores saem pelo bairro e regiões adjacentes em busca de doativos. "Consegulmos assim arranjar os tijolos e cimento. A comunidade só está pagando mesmo a mão-de-obra dos pedreiros".

Mas nem apenas termina uma obra, o jovem sacerdote italiano já planeja outra. "Não é pecado sonhar", diz ele. "Agora quero construir uma pequena capela na frente da creche, fazendo ali várias salas para a implantação de cursos profissionalizantes. A situação de emprego não está boa e a gente precisa ajudar um pouco", acrescenta.

Ele não define a obra que está realizando juntamente com a comunidade de Lauzane Paulista. Apenas diz que ela "é fruto do milagre da Igreja no Brasil: unir as forças do povo em proveito dele mesmo".

SESI

Uma outra iniciativa do padre Tommaso foi a de destinar um prédio, com quatro grandes salas, para uso da comunidade. Construído há mais de 10 anos, ao lado da Igreja, o edifício está sendo ocupado desde 1971 por uma unidade educacional do Sesi, a de número 388, que atende atualmente 864 crianças do bairro, em três períodos. Ali, os escolares recebem aulas de 26 professores além de merenda escolar e livros didáticos, que são mantidos e enviados pelo Serviço Social da Indústria.